

Lembranças da Leitura 2022

A conversa infinita



A conversa infinita

Diferente da palavra comum, a palavra essencial não se refere exatamente ao mundo real, mas ao mundo do discurso literário, da fantasia.

Dessa forma, em vez de ser apenas útil, a palavra torna-se performática, pois contém em si a essência e a possibilidade de muitos significados, ou seja, ela pode dizer tudo ou tudo esconder, de acordo com a encenação onde se insere e realiza sua performance. Dito de outra forma, a palavra essencial pode ser o que quisermos.

Essa passagem da palavra comum para a palavra essencial nos mostra possibilidades que não éramos capazes de enxergar, pois ainda que ela se refira a um mundo de fantasia reflete nossa realidade.

Quanto a este livro, é interessante perceber, ainda, que, além de uma conversa entre os autores dos textos e os escritores das obras lidas, há também um fio condutor que os une: uma conversa a distância entre jovens que não se conhecem.

Se um texto apresentar uma desesperança, um outro apontará motivos para nos alegrarmos; se houver algo que pareça inexplicável em relação a alguma obra, haverá outro apresentando a sua compreensão sobre o mesmo tema e, portanto, oferecendo chances de concluir um pensamento por meio da construção conjunta de significados, o que, por sua vez, nos leva a perceber que esse compartilhamento de ideias promove o fazer juntos.

Esse fazer coletivo é capaz de produzir tudo o que conseguirmos imaginar. É capaz de produzir, por exemplo, este livro, algo feito a muitas mãos que se dedicaram à mesma intenção: compreender o legado humano que nos foi deixado e com o qual podemos, juntos, construir o futuro.

A conversa infinita



Lembranças
da Leitura 2022

A conversa infinita



braudel
instituto

Programa
Círculos
de Leitura



Eu moro na possibilidade

*Eu moro na possibilidade
Uma casa mais bela que a prosa
As janelas mais numerosas
Superiores são as portas*

*Os aposentos como cedros
Invioláveis à visão
Tem por teto a eternidade
Os caibros da imensidão*

*Os visitantes os mais belos
Sua ocupação – é isto
Abrir amplamente minhas mãos fechadas
Para acolher o paraíso*

Emily Dickinson*

*. Tradução realizada por Catalina Pagés

Sumário

A Conversa Infinita	11
Para ler este livro	19
Giovanna Botelho	29
Anderson Guilherme dos Santos Souza	30
Rafaela Rangel Araújo	31
Giovanna Botelho	32
Clara Luiza Santos Silva	33
Rafaela Rodrigues De Lima	34
Williano Lopes De Sousa	36
Iara Rádica	38
James Rian Oliveira Nascimento	40
Giulia Moraes dos Santos	42
Marília da Silva Marques	44
Letícia Pereira de Assunção	49
Priscila da Silva Araújo	51
Karine Kelly Pereira da Silva	53
Catharine Shon Pereira	55
Isabel Cristina da Silva Aguiar	58
James Rian Oliveira Nascimento	60
Heloisa Teixeira Nunes	62

Gabriela Rabelo Falcão Nobre 67
 Maria Eduarda do Nascimento Oliveira
 Gabriel Ribeiro de Sousa
Moisés Valério Caetano 69
Yasmim Nascimento Lopes 72
Sofia Mendoza Teixeira 73
 Isabelly Santos
 Habib Mendonça
 Beatriz Kalb Ferreira
Victória Ellen Martins dos Santos 74
Vitória Maria Vasconcelos Silveira 76
Maria Luiza Coutinho dos Santos 78
Laís Estefany Migri Sá 79
Wallex Dos Santos Marques 83
Clara Luiza Santos Silva 86
Rafael Carneiro Pereira 88
Luiz Matheus Vasconcelos De Farias 89
Débora Nascimento 90

Giovanna Ferreira Alcântara 92
Guilherme Soares de Sena 93
Maria Bianca Silva Duarte 95
Lorena Luna Alves 97
Moisés Valério Caetano 101
Isabella Postigo 103
Gustavo Gulielmi 105
Joana Dafne Magalhães 111
Victória Ellen Martins dos Santos 113
André Carvalho 115
Sophia Oliveira 117
Bruna Pereira da Silva 119
Kathielle Alves Sales 121
Mariana Fernandes de Oliveira Camargo 123
Ana Beatriz Nobre Medeiros 124
Francisca Yara Sabino Mendes
Maysla Alves de Sousa
Isabella Postigo 127

Ilustrações 131

Laiz Rhianna Silva Delmonde Leite 133

Clayton Pires Victor 134

Leticia Rodrigues de Oliveira Francelino 136

Pedro Lucas Linhares Martins 139

Pedro Teles Martins 141

Agradecimentos 143

Escolas participantes 145

Obras que inspiraram os jovens 149

Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial 150

Programa Círculos de Leitura 151

Créditos 153

A conversa infinita

De acordo com o professor Evelio Cabrejo-Parra, pesquisador da linguagem na primeira infância, existe uma leitura anterior à dos textos escritos. Essa primeira leitura se dá a partir do texto oral materno, assim que o aparelho auditivo é formado durante a gestação. Desde lá percebemos essa voz que nos acompanha e passamos a ler também os textos que nos circundam: outras vozes, outros sons, ou seja, o contexto em que estamos inseridos.

A essa primeira leitura que somos capazes de fazer do texto oral materno soma-se outra assim que nascemos e nos tornamos capazes de enxergar, qual seja, a do rosto materno. Aprendemos a identificá-lo como a imagem daquela voz primeira e, estabelecendo relações, iniciamos a formação de um pensamento abstrato por meio do qual seremos capazes de construir ideias e dar sentido ao mundo.

Conforme nos desenvolvemos e capacitamos nossa atividade psíquica a distinguir, separar, compreender, formular ações e reações, começamos a perceber não só o que se passa no mundo, mas também o que acontece em nós. Ou seja, além de aprender a ler o mundo, aprendemos a ler nossos desejos, nossas necessidades, assim como percebemos o ciúme que sentimos dos objetos amados, nossa raiva pela perda de algo, nossos medos.

Essa segunda leitura, ainda de acordo com o professor, é a leitura que fazemos do nosso livro interno. Com ela, somada

à leitura do mundo, começamos a elaborar nosso livro psíquico, um livro que está sempre em construção.

Somos levados a compreender, portanto, que tudo o que fazemos acontece a partir da nossa leitura do mundo conjugada à leitura de nosso livro interno. Pensamos conforme nossa capacidade de apreender essas leituras; agimos, amamos, sofremos e trabalhamos segundo a compreensão que fazemos desses livros.

Em relação aos autores que lemos, podemos considerar que realizaram o mesmo movimento: leram suas vidas tanto quanto leram tudo o que os cercava; escreveram baseando-se em seus livros internos e no livro do mundo, assim como leram autores que fizeram o mesmo. É assim que nos conectamos secretamente uns aos outros por uma conversa infinita, um diálogo incessante com outros autores, com outros tempos.

Este é um dos grandes valores que podemos atribuir à literatura: trazer à nossa realidade outros tempos, outras vidas e, principalmente, outras possibilidades. Dito de outra maneira, a literatura amplia nosso ser e, assim, muda nossa forma de ver o mundo.

Sabemos que as mudanças quanto à realidade que nos cerca não se darão de forma imediata, mas ela só pode ser imaginada pela aquisição e reflexão de novos saberes. É por isso, por exemplo, que vemos em um dos textos um agradecimento ao Pequeno Príncipe, que ajudou os autores dessa coletânea a sonhar e a acreditar novamente no que lhes parecia impossível.

Isso se dá porque, muitas vezes, estes escritos baseados nas leituras durante os círculos demonstram um espanto com relação a alguma descoberta que os grandes autores provoca-

ram, uma descoberta daquelas que, depois de acontecer, não compreendemos como ainda não a tínhamos feito, nem como seríamos capazes de seguir adiante sem ela. A intensidade desse afeto provocado pelas obras se transforma em gratidão aos autores, e isso poderemos perceber nos diversos textos desta coletânea.

Ela, aliás, é um excelente exemplo da conversa infinita aqui descrita. Por serem lembranças das leituras, temos aqui diversas conversas dos autores destes textos com aqueles das obras lidas em círculos. Essas conversas se utilizam de uma palavra plural, desenrolando, como afirmou o crítico e filósofo Roland Barthes, a cadeia de desejos segundo a qual cada leitura vale pela escritura que ela gera, até o infinito.

Compreendemos, assim, que a leitura que o autor fez de si e do mundo reverbera nas leituras que os participantes deste livro fazem do mundo e de si. Dessa forma, prolongam-se no tempo questões que são universais e tornam a palavra plural, pois elas já não se referem apenas ao autor: elas nos colocam diante de espelhos, fazendo com que nos reconheçamos nas obras e em seus autores, o que, por sua vez, lembra-nos que não estamos sós.

Encontramos, assim, mais um dos grandes valores da literatura: colocar-nos em contato com as histórias de quem sentiu o que sentimos e também conviveu com seus medos e fantasmas. À luz de novas perspectivas sobre os mesmos problemas, tiramos os nossos próprios medos e fantasmas das sombras e somos capazes de perceber que eles não são assim tão terríveis, que há outras pessoas que enfrentaram algo parecido e não apenas sobreviveram, mas foram capazes

sublimar suas dores e transformá-las em aprendizado.

Dessa forma, aprendendo com o legado humano transmitido por meio das obras lidas, podemos nos preparar para o futuro, para a vida adulta, por meio da ficção e da fantasia a que somos chamados a participar enquanto lemos.

Fantasiar, neste caso, é coisa séria. É por meio desse recurso, por exemplo, que nos tornamos fluentes em nossa própria língua e capazes de diferenciar a palavra comum da palavra essencial.

O crítico e ensaísta Maurice Blanchot, ao tratar sobre o espaço literário, estabeleceu essa diferença entre palavras que servem a discursos diferentes. Dessa forma, a palavra comum é uma ferramenta em um mundo de ferramentas que produzem, é a palavra que nos ajuda a nos relacionarmos funcionalmente uns com os outros no dia a dia.

Diferente da palavra comum, a palavra essencial não se refere exatamente ao mundo real, mas ao mundo do discurso literário, da fantasia. Dessa forma, em vez de ser apenas útil, a palavra torna-se performativa, pois contém em si a essência e a possibilidade de muitos significados, ou seja, ela pode dizer tudo ou tudo esconder, de acordo com a encenação onde se insere e realiza sua performance. Dito de outra forma, a palavra essencial pode ser o que quisermos.

Essa passagem da palavra comum para a palavra essencial nos mostra possibilidades que não éramos capazes de enxergar, pois ainda que ela se refira a um mundo de fantasia, reflete nossa realidade.

Quando lemos os grandes críticos literários, de Maurice Blanchot a Roland Barthes, entendemos que o escritor também

é uma ficção (fantasia). Ele pode ser quem ele quiser, pode ser muitos de acordo com o que ou quem é descrito porque é capaz de abandonar o eu e dividir-se em heróis com características diversas.

Mário de Andrade disse, em uma poesia, “Eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta”. E nem precisamos mencionar Fernando Pessoa e seus heterônimos para perceber que essa capacidade de abandonar o eu faz trazer para si muitas vozes, muitos outros, inclusive outros tempos. Tanger essa capacidade é tocar o fio da eternidade com o qual grandes escritores bordaram seus nomes na história.

Afetados por essa possibilidade de ser outro, de ser muitos outros, encontramos caminhos para construir nosso eu ampliado. Esse seria o terceiro grande valor que podemos atribuir à literatura.

Na verdade, essa é a maior lição da imaginação àqueles a quem cabe construir um mundo menos desigual, pois, ao perceber a possibilidade de ampliar nosso eu e inaugurar uma nova forma de nos vermos, compreendemos também a possibilidade de ver o mundo sob uma nova perspectiva e transformá-lo, exatamente como fomos capazes de nos transformar.

É preciso dizer também que, por ser uma conversa estabelecida entre os autores destes textos e das obras lidas nas escolas, há aqui um prolongamento das conversas dos círculos sobre as obras, uma espécie de fala em que o pensamento se desdobra e, chegando ao seu limite, deságua em perguntas, como veremos em diversos textos.

Esse ato da fala em que o pensamento se desdobra e cria novos caminhos para que nos façamos entender, não é mais

nem menos do que desenvolvermos nossa capacidade de organizar ideias e nos expressarmos. Organizar ideias leva a efeitos inesperados a partir de algo que pode ser considerado banal, mas não é.

É possível que, ao organizar nossos pensamentos, sejamos capazes de organizar nossos desejos, o que, por sua vez, nos torna capazes de controlar a energia que colocamos na vida, esteja ela empenhada na escola, na família ou no trabalho. É justamente essa organização que nos torna capazes de superar a menoridade kantiana, ou seja, ir além da tutela alheia e passarmos a assumir responsabilidades para com o nosso mundo. É essa organização, portanto, que nos inicia na arte de transformar em realidade pensamentos antes restritos ao mundo das ideias, na arte de realizar, com toda a nossa energia, tudo o que quisermos.

É por isso que, tornando-se capazes de organizar o que sentem e o que pensam, sendo ou não escritores no futuro, os autores desta coletânea já se mostram aptos a ouvir outras vozes, a incluir e dialogar e, portanto, preparados para um fazer compartilhado.

Quanto a este livro, é interessante perceber, ainda, que, além de uma conversa entre os autores dos textos e os escritores das obras lidas, há também um fio condutor que os une: uma conversa à distância entre jovens que não se conhecem.

Se um texto apresentar uma desesperança, um outro apontará motivos para nos alegrarmos; se houver algo que pareça inexplicável em relação a alguma obra, haverá outro apresentando a sua compreensão sobre o mesmo tema e, portanto, oferecendo chances de concluir um pensamento

por meio da construção conjunta de significados, o que, por sua vez, nos leva a perceber que esse compartilhamento de ideias promove o fazer juntos.

Esse fazer coletivo é capaz de produzir tudo o que conseguirmos imaginar. É capaz de produzir, por exemplo, este livro, algo feito a muitas mãos que se dedicaram à mesma intenção: compreender o legado humano que nos foi deixado e com o qual podemos, juntos, construir o futuro.

Texto escrito por Danilo Gonçalves a partir das conversas com Catalina Pagés e Débora Nascimento

Para ler este livro

Tratando-se de uma conversa plural como acontece nos Círculos de Leitura e neste livro, o primeiro texto não necessariamente dialoga com o segundo, nem o segundo com o terceiro, e assim por diante, como se estivessem enfileirados. Percebemos que o primeiro texto pode dialogar com alguma poesia no meio do livro, e uma carta próxima às últimas páginas pode dialogar, por exemplo, com algum texto que esteja na abertura do livro.

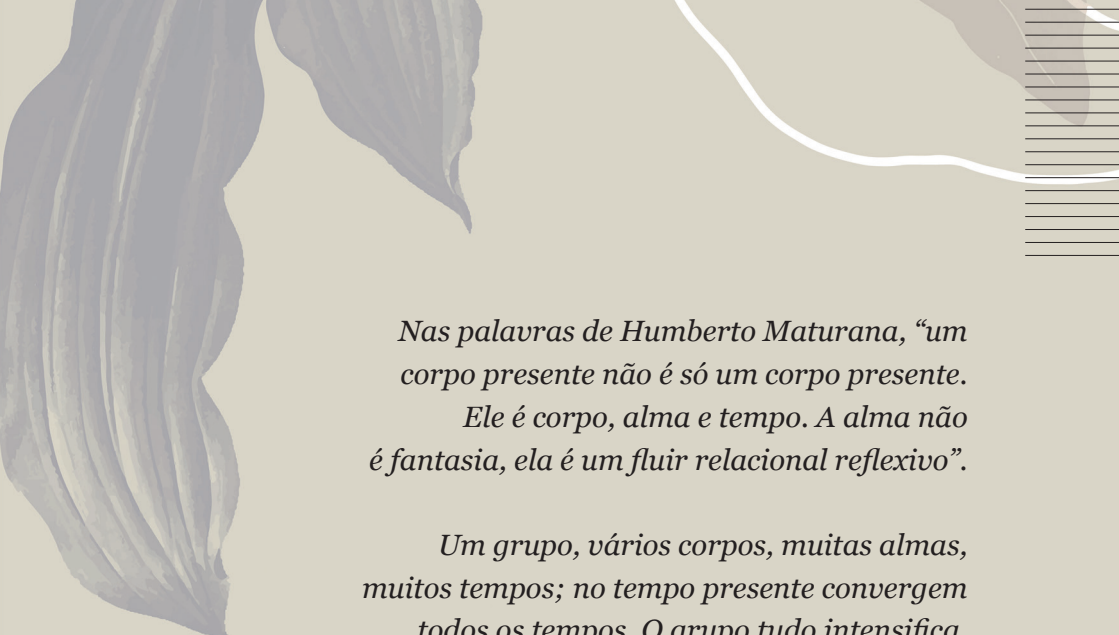
Dessa forma, assim como a inspiração dos participantes desta coletânea foram os autores que mobilizaram seus sentidos com mais vigor, deixemo-nos afetar uma vez mais por um autor e suas novas possibilidades. Este é um convite para ler este livro à maneira de Julio Cortázar, em seu *O jogo da amarelinha*. Podemos ler os textos como se estivéssemos em um grande círculo de milhares de quilômetros, onde quem fala desde o Ceará pode ouvir a ideia de alguém em São Paulo, mesmo nos pontos mais distantes desse enorme círculo.

Sempre é possível ler as páginas em ordem crescente ou estabelecer a sequência que se deseja, mas caso esteja conosco nessa descoberta dos textos que dialogam entre si, graças aos temas que abordam ou a algum outro parentesco, há ao final de cada texto a indicação da próxima carta ou poema a ser lido.

Para facilitar, mas não muito, fica aqui um *mapa* da ordenação dos textos.

Vamos?


21 > 40 > 29 > 42 > 49 > 74 > 53 > 78 > 92 >
> 73 > 62 > 55 > 101 > 23 > 31 > 105 > 67 >
> 34 > 127 > 79 > 36 > 72 > 93 > 76 > 51 >
> 108 > 30 > 25 > 33 > 83 > 88 > 89 > 38 >
> 60 > 44 > 58 > 97 > 90 > 27 > 124 > 86 >
> 69 > 111 > 32 > 95 > 121 > 113 > 119 >
> 117 > 123 > 115 > 103



Nas palavras de Humberto Maturana, “um corpo presente não é só um corpo presente. Ele é corpo, alma e tempo. A alma não é fantasia, ela é um fluir relacional reflexivo”.

Um grupo, vários corpos, muitas almas, muitos tempos; no tempo presente convergem todos os tempos. O grupo tudo intensifica.

> 40




“Ao ler esses livros um mundo se abrirá para o senhor, a felicidade, a riqueza, a grandeza inconcebível de um mundo. Viva por um tempo nesses livros e aprenda com eles o que lhe parecer digno de aprendizado, mas sobretudo os ame. Esse amor lhe será retribuído milhares e milhares de vezes, de modo que, seja qual for o rumo tomado pela sua vida, tenho certeza de que ele percorrerá o tecido de seu ser como um dos fios mais importantes entre todos os fios que compõem a trama de suas experiências, decepções e alegrias.”

Cartas a um jovem poeta, Rainer Maria Rilke

> 31

23




“O homem, por intermédio da Arte, não fica restrito aos preceitos e preconceitos de seu tempo, de seu nascimento, de sua pátria, de sua raça; ele vai além disso, mais longe que pode, para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vida na do Mundo.”

Extraído da conferência “O destino da Literatura”,
Lima Barreto (1921)

> 33



25



“É pelo saber que o corpo se purifica, é procurando o saber que ele se eleva. Para o sabedor, todos os instintos tornam-se sagrados; no homem que se elevou, a alma torna-se alegre.”

Assim falou Zaratustra, Friedrich W. Nietzsche

> 124

Giovanna Botelho

EE HECKEL TAVARES - SÃO PAULO, SP

*Onde vive um poeta, vivem sentimentos
Sentimentos que vêm de memórias e momentos.
Temos que desmistificar o amor.
O amor não é o inimigo, ele é o herói
Ele salva e liberta
Ele é a chave do despertar de um poeta*

Os clássicos me ensinaram sobre a vida. Me ensinaram a observar as pessoas à minha volta, a ser mais sensível e a me comunicar com o mundo. Pode parecer loucura, mas os livros são meus amigos mais preciosos, amigos com quem aprendi a conviver e a ouvir as histórias que eles têm para me contar. Agora tudo o que eles me ensinaram eu guardo em mim para passar adiante as belas histórias que eles me contaram.

Por isso, sou grata ao Círculos de Leitura, que me ensinou a ser amiga de livros. Posso, agora, ouvir e ler suas histórias não só com meus ouvidos e olhos, mas também com o meu coração. Aprendi a me comunicar entre linhas e palavras, achei meus heróis e assim passei do camelo para o leão e do leão para a criança, conquistando meu próprio mundo. Graças aos livros aprendi a ser mais humana.

> 42

Anderson Guilherme dos Santos Souza

EE JOAQUIM EUGÊNIO LIMA NETO - SÃO PAULO, SP

Ao me adaptar às mudanças que o Círculos me proporcionou, pude ressignificar minhas experiências com responsabilidade e sensação de pertencimento. Abracei, em mim, aquilo que não enxergava com facilidade: a habilidade de ser grande de alma e poder compartilhar os cuidados de uma jornada artística. Quando entro em contato com pessoas que amam e transmitem esse sentimento, eu sinto a arte e, ao fazer o mesmo, eu transmito arte. Assim como Sócrates afirma: “amar verdadeiramente é arte”.

> 25

Rafaela Rangel Araújo

EEEP MONSENHOR JOSÉ ALOYSIO PINTO - SOBRAL, CE

Destino... é caminho traçado ou plano que já foi escrito? Dizem que nada consegue impedir um amor destinado a acontecer, mas há quem discorde e acredite que o amor pode acontecer de maneiras diferentes. Muitas vezes ele não é pra sempre, e nem precisa, se for bom enquanto durar já pode ser uma linda história, dessas que foram escritas tortas de propósito, apenas para se cruzarem, sabe?, te despertando os sentimentos mais puros, de forma recíproca e real. A verdade mesmo é que o amor não é acaso, muito menos destino: o amor é teimosia, é um raro e verdadeiro encontro de almas.

> 105

Giovanna Botelho

EE HECKEL TAVARES - SÃO PAULO, SP

Ciclos começam e se encerram a todo momento, faz parte da ordem natural da vida.

Os ciclos são essenciais na vida das pessoas. Amizades, relacionamentos, a própria vida, tudo isso são ciclos, e ter medo de que eles acabem não é algo anormal, afinal, durante todos os ciclos nós criamos vínculos e nem todos eles são fáceis de se desfazer. Vínculos são ligações, sejam elas profundas ou não, mas ligações que acrescentam algo no seu ser, na sua essência pessoal.

E sabendo isso é compreensível que as pessoas não queiram abrir mão de alguns ciclos, mas é necessário, necessário para que você possa crescer física e mentalmente, e está tudo bem você sentir medo de crescer, sentir medo de encerrar esses ciclos, mas se olhar para trás verá muitos ciclos dos quais você fez parte que já se encerraram, eles te fizeram ser quem você é hoje e nem sempre o fim é ou deve ser doloroso.

> 95

Clara Luiza Santos Silva

EE PROFª CÉLIA RIBEIRO LANDIM - SÃO PAULO, SP

Poder dos autores

Quando comecei a escrever não sabia o quão importante era a escrita. Parando para pensar eu sabia, só não tinha aberto meus olhos para a verdade.

O poder das palavras é mágico! Quantas vezes já lemos algo que tocou em nossos corações de forma inexplicável? Os livros sempre tiveram esse efeito para mim.

Muitos autores escrevem algo e nem sabem o porquê. O espírito da narrativa encontra a pessoa certa para escrever. Sinto que vem daí a conexão com o espírito da narrativa, o autor é algo invisível aos olhos.

Ao espírito da narrativa e aos escritores, meu muito obrigada. Graças a vocês minha vida tomou um rumo diferente. Os escritos nunca são apenas de quem os escreveu, mas sim do mundo, e o mundo agradece muito por isso.

> 83

Rafaela Rodrigues De Lima

EEMTI RAIMUNDO TOMAZ - AQUIRAZ, CE

“É loucura odiar todas as rosas
porque uma te espetou”,
o Pequeno Príncipe disse uma vez,
mas a verdade é que já não me sinto feliz.
Desde o dia de sua partida,
eu sinto um enorme vazio,
sinto muito sua falta,
mas isso não quer dizer
que eu quero que você volte para ficar!
Mas eu não sei de verdade, não sei.
Ainda é difícil falar o que sinto.
Apesar de ter sido você a rosa que me espetou,
não consigo odiar todas as outras.
Cartola escreveu que rosas não falam
e ele estava certo.
As rosas não falam,
mas têm o poder de carregar
todos os sentimentos

incapazes de serem expressados
em palavras.
Não consigo te odiar,
fico pensando se o problema estava em mim.
Eu não sou de verdade
sou uma ideia, um rascunho
sou um poema mal escrito,
me sinto sem ar,
todo o meu oxigênio
parou de circular
a sensação é de ser uma pedra
que foi lançada ao mar
afogando-se
sem conseguir nadar.

> 127

Williano Lopes De Sousa

EEEP JOSÉ MARIA FALCÃO - PACAJUS, CE

É... Pequeno Príncipe, você está certo... quando observo as relações humanas e a forma como aprendemos a conviver com outras pessoas, vejo um outro lado da vida... talvez o lado que realmente importa.

Mas será que aprendemos a cativar? Seria cativar se encontrar no olhar do outro e se entregar por inteiro? No fim, forçando o olhar de poeta, vejo como um colapso de enlacs infinitos... ah logo tentarei explicar tudo isso...

Desde criança, sempre recaio numa breve teoria que me persegue... às vezes parece que as pessoas moram em seu próprio universo e que quando se desencontram é como se um big bang acontecesse e a vida se moldasse de um jeito que nunca fosse o mesmo... é... já notei o quanto me perco.

Mas voltando ao minúsculo mundo do Pequeno Príncipe, vimos como tudo virou de cabeça pra baixo quando ele ousou cativar uma bela flor. No entanto, ele logo aprendeu que, às vezes, não basta amar e o amor pode ferir-se com os próprios espinhos... então muitas pessoas decidem não se deixar cativar, pois já se viram cativas de alguém imaturo demais para saber morar em seu mundo.

Já se perdeu nas histórias que você mesmo escreveu e notou que quem prometeu amor e cuidado ao seu lado não te protegeu? E já se perguntou: Por que não desbravar outros mundos se não me encaixo no que seria meu? Quisera eu sentir

o que o nosso príncipezinho pensou ao se deixar ir entre os asteroides...

E nessa viagem entre homens, flores e animais falantes com quem conversou, pôde repensar a sua forma de cativar, a que nunca deu valor, mas viu que o que estava em suas mãos não era qualquer flor, era aquela a quem ousara entregar seu olhar de afeto e devoção, e por uma breve tempestade deixou-a sem data de retorno e, então, quando percebeu, temeu que fosse tarde demais e que sua rosa não estivesse mais à sua espera.

Esse livro é contado na simplicidade de um tom infantil e, por isso, é um dos mais indecifráveis. Em suas entrelinhas cabem milhares de segredos... É a vida que pode ser contada numa doce melodia e escrita por lágrimas em forma de papel e tinta. É... Pequeno Príncipe, você nos apresentou o essencial. E você, caro leitor, já descobriu que cativar é o essencial?

> 72

Iara Rádica

EE REV. TÉRCIO MORAES PEREIRA - SÃO PAULO, SP

Você já achou o seu ponto de gravidade? (Mudar o mundo é possível sem mudar o teu mundo interior primeiro?).

“Todos dialogamos com vozes que não sabíamos que existiam dentro de nós” Mía Couto.

Nada simplesmente surge. Tudo se constrói, se transforma e, posteriormente, se modifica e é aperfeiçoado.

Portanto, acredito que as maiores questões da existência humana sejam: “Quem sou eu? O que estou fazendo aqui? Como me acho dentro de mim mesmo?”. Isso ocorre porque temos uma necessidade interna de autoanálise — sempre conseguimos observar o outro, julgar o próximo, mas ainda assim, por que é tão difícil compreender e julgar a si mesmo?

De tanto procurar algo nos outros, esquecemos de procurar o que nos falta.

Amadurecimento é sobre procurar o que nos falta, mas entender o tempo que o outro tem para se construir, como Pierre fez na passagem de *Guerra e Paz*. Amadurecer é sobre achar seu centro de gravidade. Escutar o seu interior e saber ouvir os demais, é a principal proposição do centro de gravidade.

Pierre queria mudar o mundo, mas faltava que ele mudasse a si mesmo.

Posso usar como exemplo o homem do conto *A cidade dos cinco ciprestes*, de Marina Colasanti, o qual ouvia o próprio coração e, mesmo com os riscos, colocou-se a caminho,

mesmo quando nada saiu como planejava, ele solucionou seu problema e viu naquele lugar novo, com vista maravilhosa, um tesouro. Encontrou, na paz, mais do que poderia o ouro lhe proporcionar.

O homem, que nada mais era do que um simples homem, mas era corajoso, seguiu seu sonho. Deitou-se em seus desapontamentos e, ao amanhecer, resolveu-se: olhou os ciprestes, e, sozinho, viu a si mesmo, concluindo que havia, enfim, achado o seu tesouro: não era dinheiro, joias, propriedades: era a paz, o céu, a natureza.

> 60

James Rian Oliveira Nascimento

EE ESTELA BORGES - SÃO PAULO, SP

A magia dos círculos onde tudo se intensifica

No primeiro momento, as expectativas eram outras, mas após entrar naquele lugar e ver a magia que ali acontece, voltei ao tempo em que os meus pensamentos fluíam de forma natural. O lugar onde eu estava me trouxe, desde os feitos e ocorridos do *Pequeno Príncipe*, até *O banquete de Agaton*. As conversas fluíam feito a água saindo da nascente e os pensamentos saíam feito pássaros a voar migrando ao sul, onde iam encontrar uma terra desconhecida, mas que, aos poucos, se encontrando com outros pássaros, formaram um só bando em concordância.

Se tornou algo informal relatar experiências entre nós. Contávamos como a jornada do príncipezinho tornara-se essencial para a mudança de vida e pensamento dos participantes daquela pequena reunião, cujo efeito mostrava a empatia criada pela leitura e pelo partilhar de ideias, dando firmeza aos pensamentos, pois, como bem disse Martin Heidegger, “O pensar permanece firme ao vento da coisa”, e era assim que acontecia ali naquela casinha.

Com o fluir de nossos pensamentos, antes de ocorrer a reunião propriamente dita, o assunto já estava a pairar no ar. Sentado em uma mesa de café, Catalina, aproximando-se, trouxe à nossa pauta a indagação sobre o que é um líder e o que

precisa ele possuir para ser reconhecido como tal. Nunca pensei que sentado em uma mesa de café da manhã era possível ter uma conversa tão agradável, onde dar sua opinião se tornou um dever em comum, porém cativante. Ao final do encontro, chegamos a um acordo: ou o líder traz inspiração aos liderados ou provoca medo. É claro que há outras características que um líder pode ter, mas também são válidas as controvérsias de que um líder que inspira medo é um tirano.

Na hora da partida, a sabedoria e o conhecimento ali compartilhados me enchiam de alegria, pois, em toda a minha vida, nunca pensei que uma pequena reunião em uma pequena casa me alegraria tanto, e essa casa é a Casinha.

> 29

Giulia Morais dos Santos

ETEC DRA. RUTH CARDOSO - SÃO VICENTE, SP

Dedico o texto à minha querida leitura compartilhada

Quantas histórias, sentimentos e experiências são vivenciadas!

É nos Círculos que posso me entregar, me derramar inteiramente por algo, e é nas obras que encontro o meu lar. O livro se torna, assim, meu porto seguro e um professor exímio no ato de me ensinar. É nos dias turbulentos que sinto nele um lugar onde posso desabafar, sem que alguém possa julgar.

Na rotina corrida e cansativa que vivo, participar do projeto me motiva a refletir e entender que o tempo é precioso demais para que eu o gaste somente com ocupações. Mostra-me que a vida é muito mais que o piloto automático e que, na verdade, tenho um mundo inteiro dentro de mim para desvendar. A cada leitura me aproximo de ser uma metamorfose ambulante: conhecendo-me e transformando-me, caminhando à versão mais fiel de mim mesma.

Percebi que o processo de compreender o que se lê é imprescindível e que existem milhares de pontos de vista incríveis que eu nunca sequer pensei.

Entendi o real significado de escutar, não só ouvir o que o outro fala, mas realmente estar atenta a cada palavra pronunciada.

O Círculos me fez entender o valor de uma boa leitura e que os livros são comidas deliciosas que podemos digerir

com calma, pois apressados não aproveitamos o sabor delas e menos ainda a trajetória única que cada um tem a oferecer.

Na obra *Kouros*, compreendi que tudo tem um tempo certo para agir e que não somos donos dele, como também não somos donos do destino, palavra essa que traz tanta aflição para a maioria dos corações e que, na verdade, como diz Píndaro, é consequência dos nossos atos que se transformam em hábitos, hábitos que formam o caráter, e o caráter constrói o nosso destino.

Por fim, foi esse livro que me incentivou a escrever esse texto e retomar com escritas poéticas que há anos eu tinha estagnado. Agradeço ao Círculos de Leitura e às pessoas que estão nele por me tornarem alguém um pouco mais altruísta e mais dedicada na busca do meu eu mais profundo.

> 49

Marília da Silva Marques

Alumni da EEEP OSMIRA EDUARDO DE CASTRO

A todas as crianças e às pessoas grandes que se lembram disso, e até para aquelas que já esqueceram.

Quando fui apresentada ao *O Pequeno Príncipe*, fui pega de surpresa, pois não esperava me deparar com algo tão belo. Durante os Círculos de Leitura tive a oportunidade de aprender mais sobre a obra e discuti-la com os outros multiplicadores e alunos.

Conhecemos muitos planetas e, assim como ele, encontrei vários acendedores de lampião, empresários, vaidosos e muitos outros. Acho até que encontrei rosas e raposas. Também encontrei uma roldana no meio do deserto, mas não o encontrei.

Todos aqueles que já leram suas passagens, em algum momento pararam e refletiram sobre a seguinte questão: “Onde ele está?”. Então agora gostaria de refazer o pedido do autor: “Caso algum de vocês o encontre, peça para ele escrever ou mandar um sinal pelas estrelas, quem sabe até aparecer”. Eu gostaria de saber o que aconteceu com a rosa e também com o planeta.

Agora, se me derem licença, preciso falar diretamente com ele, a quem me referi em todos os momentos dessa carta. Pequeno Príncipe, o menino com cabelos da cor do trigo. Saiba que você criou mais laços na Terra do que imagina e por isso te agradeço. Conheci você rapidamente, mal tive tempo para pensar na primeira vez, e mesmo assim aprendi mais com

você do que com muitas pessoas grandes (elas, geralmente, não nos entendem). Depois revi esses momentos e me emocionei, é claro.

Não é sempre que podemos reencontrar um amigo, e eu fiz isso várias vezes com você. Então, se for possível, por favor, apareça. Eu sei que posso contar com você pelas estrelas (ouvir o seu riso), mas as pessoas aqui estão precisando da sua ajuda, das suas falas, elas esqueceram o que é essencial.

Espero que possa voltar algum dia, e não se preocupe, eu lembrarei de você.

Com muitas esperanças,
uma criança que já cresceu e, graças a você, se lembra disso.

> 58

Meu querido amigo, mesmo que ainda não tenhamos sido apresentados em nossa forma carnal, já te senti em minha alma várias vezes, e te chamo de amigo porque sei que já nos conhecemos e nos conectamos, porque sei que nunca fomos estranhos, até porque “nada do que é humano me é estranho”.

Gustavo Gulielmi

Letícia Pereira de Assunção

Alumni da ETEC MARIA AUGUSTA SARAIVA

Eu em você

“Quem sou eu?” - Pergunta olhando para o teto. Consumido pela solidão, pensamentos drásticos rodeiam-no enquanto o sono não chega. Levantando-se, vai em direção ao pequeno monte de livros e abre o primeiro na sua frente, *Fernão Capelo Gaivota*.

A memória da primeira vez que pegou tal livro se fez. Não parecia nada de mais, apenas a história de uma gaivota. Um colega, que nunca tinha visto no colégio, teve a coragem de pôr seu ponto de vista na roda sobre Fernão tentar achar seu “eu” verdadeiro, mas era apenas algo banal em sua opinião e por isso saiu do grupo quando teve a primeira oportunidade.

Agora, com o livro em mãos, teve a curiosidade de saber o desenrolar da história, foi lendo cada vez mais profundamente cada palavra, cada descrição e cada sentimento. Fechou o livro, olhou em volta e se perguntou: “Quem eu sou e qual é o meu propósito?” Assim, pegou um papel e escreveu cada detalhe, cada pensamento e cada sentimento que teve do início ao fim da leitura. No outro dia, entrou na sala e, com todos os olhares monitorando seu movimento, foi em direção ao tal colega e lhe entregou seu papel, dizendo: “Espero que ainda tenha uma vaga no grupo”.

O menino correu o texto com os olhos e deu um sorriso.

Percebendo a grande conexão que houve entre os pensamentos dos dois, disse: “Você sempre será bem-vindo. Senta com a gente. Nós vamos começar um novo texto hoje”. Com o tempo, a cada leitura e a cada discussão, uma bela memória foi criada e implicitamente foi respondida a grande pergunta. Quem sou eu? Eu sou a junção de todas as memórias de todos os conhecimentos. Eu sou Catalina, eu sou a Débora, eu sou o Gabriel, eu sou você... Eu sou o coletivo, porque cada presença de um “eu” me tornou o que realmente sou hoje.

> 74

Priscila da Silva Araújo

Alumni da EE JAIME LAURINDO - BARROQUINHA, CE

Araras, 21 de outubro de 2022.

Pássaro Encantado,

Espero que você esteja voando feliz e curioso por lugares variados e um tanto poéticos, e espero também que você tenha mesmo um lar para chamar de seu, pois este lar é para o qual estou enviando esta minha carta.

Não queria lhe perturbar, nem nada assim, mas as histórias percorrem os ventos, lugares e chegam nas casas, foi assim que sua história chegou a mim. O vento, com todos os seus assobios, me contou sobre sua menina, que o aprisionava, e não queria mais vê-lo viajando e colorindo de tão diferentes formas as suas belas asas. Não se engane, não estou aqui para defender as ações dela, as quais ela julgou como amor, mas que para mim pareceram apenas egoísmo.

Você falava para ela sobre a importância da sua ausência temporária, de como essa saudade é necessária para o amor continuar. E eu, daqui, no canto, na toca, fico pensativa, pois falar assim é quase como dizer que amar é mais fácil de longe, mas talvez nem seja. Você já devia sentir algum problema nessa amizade de vocês, quase como se ela já o estivesse prendendo, antes mesmo de prender, antes mesmo de trancá-lo atrás das pequenas grades de uma gaiola.

A verdade é que sinto como se eu entendesse você. Às vezes eu canso das coisas, às vezes as coisas é que parecem cansar de mim. Não sei, só sei que se distanciar por um tempo e ver de longe é bom para saber se gosta mesmo. Por mais que eu esteja dizendo isso, pássaro, pergunto para você agora: o fato de pensar em se afastar para ter certeza sobre os bons sentimentos não é, por si só, já uma resposta em evidência? Diga, pássaro. Eu também quero voar para longe e conhecer novos lugares, histórias, e quem sabe, com sorte, alguns amigos também. Quero partir de forma temporária e, assim como você, viver, tendo certeza ou não em relação a que sentimentos ter sobre as coisas e as situações. Apenas sair por aí e me reconhecer.

Voltar para o lar e contar novas histórias e esperar que amem minha amizade de uma forma livre. Eu desejo isso para você também. Que você nunca mais volte a encontrar nenhuma gaiola pronta para prendê-lo.

Atenciosamente,
uma amiga de outra vizinhança.

> 108

Karine Kelly Pereira da Silva

Alumini da EE PROFESSOR JOÃO - SÃO BERNARDO DO CAMPO, SP

Incontáveis foram as vezes em que repeti, para me salvar (e aos outros também) que, “um minuto de felicidade é capaz de inundar toda uma vida”... Essa gota matou minha sede mais do que mil outras palavras poderiam, além de qualquer copo de água ou toque humano.

Foram ativadas a centelha divina e a missão do devir sonhador, dissolvendo e reconfigurando o prisma da realidade.

Repatriar a alma é pra mim, ainda, um caminho sinuoso como o de um rio que passa pelos livros, pelos sentidos múltiplos e inesgotáveis das palavras: é nesse barco que me conduz e entrego os passos quando o mundo palpável se torna um campo de batalha, terra inóspita e hostil.

Devorei muitos livros antes dos meus 10 anos, quando conheci o Círculos de Leitura, essa ponte sem retorno, que foi um banho de cachoeira a me rebatizar, me colocando em contato com o mundo de forma mais atenta, amorosa e participativa, inclusive.

A contação de histórias que fundou o mundo e o tempo redescobriu, nos últimos anos, sua fonte mágica e me aproximou dela de muitas maneiras. Há uma carta de tarot, o arcano 8, uma carta da Força na jornada do herói, que representa o poder que foi despertado em mim - entrar em contato com o reino delicado e profundo da alma da humanidade.

Há muito tempo o Círculos de Leitura não faz parte do

meu cotidiano, mas são lembranças fortes como um clarão, uma claraboia ampliando a luz da minha casa-corpo, fazendo passagem no dentro-fora, como a proteção da minha capacidade de maravilhar e replicar alguma luz... como a conexão estabelecida na história de brancas noites, de Dostoiévski.

> 78

Catharine Shon Pereira

Alumni da ETEC JUSCELINO KUBITSCHECK DE OLIVEIRA - SÃO PAULO, SP

Reencontro

Dentre muitos acontecimentos marcantes que me ocorreram durante minha passagem pelo Círculos de Leitura, aqui relato o mais recente em minhas memórias. Escrevo como um presente, para mim e para todos aqueles que tornaram esse dia especial, e, sobretudo, para eternizar esta lembrança, que fica marcada em mim como um reencontro com minhas raízes, e me relembra as razões pelas quais estou onde estou.

Nesse dia, fui ao grupo de bolsistas que ocorre aos sábados, juntamente com uma colega de trabalho. Colega que na verdade é mais que colega, é para mim um exemplo, uma inspiração, uma amiga. Um bom encontro, desses que a vida nos prepara em segredo, e que se revela aos poucos. Convidei-a porque, sabendo de sua paixão pela literatura, gostaria muito de lhe apresentar a magia do Círculos de Leitura, lhe mostrar a metodologia e os jovens participantes. Este convite, para minha própria surpresa, veio em momento oportuno: um dia antes de nossa ida, recebi a notícia de que essa amiga estava para começar uma nova jornada em outra empresa. Dessa forma, havia no ar aquela certa tristeza que anuncia a despedida, mas também a felicidade que antecede um novo começo.

Quando chegamos, fomos tão bem recepcionadas pelos jovens, por Catalina, Débora e Madu, que foi fácil para ela,

e para mim, nos sentirmos acolhidas. O ambiente da Casinha, que encanta a todos que a visitam, parecia ainda mais acolhedora nesse dia.

Durante a manhã, lemos algumas cartas do Concurso Lembranças da Leitura 2021, entre elas as cartas destinadas a Rainer Maria Rilke, escritor de *Cartas a um Jovem Poeta*. Lendo cartas tão bonitas sobre uma obra tão significativa, reencontrei em mim o sentimento de pertencimento, a herança de muitos que carrego comigo, e que liberto através da escrita. No grupo, quando os pensamentos vêm a mim, me sinto quase eu mesma descendente das grandes ideias, e como o Catador de Pensamentos, responsável por cuidá-las, transformá-las e devolvê-las ao mundo, pois o Círculos de Leitura me criou para o mundo, e nele desejo plantar minha obra. Eu mesma sou obra dos Círculos, e serei eternamente grata àqueles que me deram a oportunidade de confiar.

Lembrarei com carinho desta manhã, em que junto de pessoas tão importantes para mim, reconectei meu eu, tão disperso naquele momento, à minha essência. Foi para mim um reencontro, uma despedida e a criação de novos laços. No final, após uma conversa prazerosa, ficou a promessa da volta, que faço questão de cumprir. E estarei acompanhada, porque desejo retribuir todo o amor que me foi oferecido, e acredito que não há maneira melhor do que compartilhar esse amor

com mais e mais pessoas. Quando minha grande amiga me agradeceu no caminho de volta, me senti feliz, um sentimento de completude, pois para mim é um presente poder compartilhar a magia do Círculos.

Termino este relato com o coração transbordando de carinho. Agradeço imensamente a todos os bons encontros que tive pelo caminho, e pelos que ainda estão por vir. Agradeço principalmente ao Círculos de Leitura, por fazer parte da pessoa que sou hoje.

> 101

Isabel Cristina da Silva Aguiar

EE HELENA LOUREIRO ROSSI - POÃ, SP

Cara Eliane,

Seu livro é realmente inspirador, sua mensagem tem grande valor. Esse livro não é somente para entreter, mas também para nos ensinar que, com a vida, com a ajuda das pessoas ao nosso redor, construímos um chão de amadurecimento, de razão. As pessoas, sendo elas más ou boas, as que ficam ou as que vão... todas nos ajudam a crescer em todos os sentidos.

Uma parte que eu gostei muito do livro, e com a qual acredito que muitas pessoas também se identificaram, é quando a Terezinha sente muita fome e não sabe o que fazer com o buraco de seu estômago. Ela comia os pastéis e nunca ficava satisfeita, porque não estava com fome de verdade, e sim com um vazio dentro de si, uma solidão, falta de ser entendida, falta de conversar. E isso tudo passa quando a Terezinha conversa com Lucy: “Sente esperança e chora de alívio. A fome passa e as cores voltam às faces, e a menina se percebe ávida, não de comida, mas de ser vista, escutada e entendida” esse trecho descreve o que a Terezinha estava sentindo no momento em que foi compreendida, e seu buraco sem fundo na barriga foi preenchido pela compreensão de Lucy.

Outra parte interessante é quando Terezinha se torna Tereza, no capítulo *A Olga do lago*, pois esse capítulo mostra Terezinha notando que as mudanças que seu corpo sofreu, somente em

quatro noites fora de casa, é o resultado de viver momentos de grande responsabilidade, tudo pensando em fazer o chão de seu pai, e com isso ela crescia com as experiências adquiridas física e emocionalmente.

Enfim, gostei muito do livro, mesmo que não seja meu gênero favorito. Gostei de ver o desenvolvimento de Tereza e ver que para construirmos nosso chão precisamos largar algumas coisas e desfrutar de outras. Por exemplo, quando Tereza começava a gostar de algum lugar era conduzida a seguir seu caminho até o baú de sonhos. Isso é uma motivação para nós, para não ficarmos acomodados, e sempre irmos adiante. Espero que outras pessoas leiam esse livro e reflitam sobre seus sonhos e sobre seu chão, sobre sua própria trajetória ou sobre terminar de fazer o seu caminho até chegar ao seu próprio baú de sonhos.

> 97

James Rian Oliveira Nascimento

EE ESTELA BORGES - SÃO PAULO, SP

Neste relato, comentarei as grandes lições de vida que Pierre me deu, algo que é surpreendente pensar: um rapaz que, mesmo tendo sua grande bondade, conseguiu determinar um ponto neutro onde consegui achar o seu centro de gravidade.

Vários assuntos foram tratados no nosso encontro de sábado, como: amor próprio e ajuda ao próximo, mas um me pegou de tal maneira que o meu coração se encheu de alegria ao se sentir acolhido e identificado naquela história, foi um sentimento de amor e ao mesmo tempo de compreensão que não precisou de nenhuma palavra pronunciada pela boca de alguém, mas simplesmente palavras escritas em uma pequena síntese dessa grande história.

Pierre, um rapaz gentil e que sempre pensava no próximo, querendo trazer uma melhor qualidade de vida às pessoas que necessitavam, fez tudo o que estava ao seu alcance, tentou de toda forma mudar a realidade das outras pessoas com seu grande coração, mas a astúcia de seu administrador fez com que ele fosse enganado, já que as intenções dos dois não andavam entrelaçadas. Que grande lição, não é mesmo? Quantas vezes não conseguimos levar os nossos projetos à frente porque investimos confiança em uma pessoa que não anseia tal projeto como ansiamos! Isso foi um baque para mim, e me mostrou que os meus projetos só vão se concretizar quando eu

entender que é necessário que realmente eu e os envolvidos estejamos interessados em seguir em frente.

Com o tempo, Pierre caiu em si e viu que algumas pessoas se aproveitavam de sua bondade e de seu grande coração para o bem próprio, e conseguiu ter o seu juiz interior e equilibrar a razão e a emoção de forma tão harmônica que rapidamente o seu centro de gravidade se parecia mais bem estruturado que uma fundação de uma casa. Ele não somente tinha um juiz interior como rapidamente se tornou um juiz de si mesmo e de suas ações.

Pierre com certeza me ensinou bastante coisa, e fez com que eu, por meio de sua história, acordasse como ele acordou e criasse dentro de mim esse juiz interior, mas se não fosse pelo Círculos, provavelmente não o teria conhecido. Sentirei saudades de tudo isso, mas deixo aqui minha memória sobre o aprendizado que a Casinha tem me proporcionado.

> 44

Heloisa Teixeira Nunes

EE DEPUTADO MANOEL DA NÓBREGA - SÃO PAULO, SP

Baú de experiências do sonhar com estabilidade

Existem certas pessoas no mundo com muitos sonhos a realizar, mas mesmo com tamanhas expectativas ainda possuem medo de tentar. Observo o ser humano e reflito o quão ilimitado é. Nada o segura quando decide mostrar ao mundo quem realmente é. Acredito que seja necessário enfatizar que somente as experiências são capazes de nos mostrar, de nos dizer quem somos e quão longe vamos chegar.

Ao imaginar o interior humano, repleto de experiências, de memórias que dão forma à essência, pode-se estabelecer uma relação com a jornada de personagens que tanto admiramos e em quem nos espelhamos. Podemos ser Jean Valjean, um bom coração trancado em uma cela, ou Bilbo Bolseiro, aquele hobbit aventureiro, basta abraçamos as memórias, que dão forma ao nosso ser, e as pessoas que conhecemos ao longo do caminho para que suas características fiquem sempre conosco.

Esse baú que carregamos, as marcas permanentes de pessoas que amamos, aquelas que se foram e outras com as quais não mais falamos, formam nossa essência como humanos. Todos os sonhos que o ser humano possui em seu universo pessoal são guiados unicamente por suas memórias e por aquelas “pessoas-âncoras”, que são capazes de acionar o melhor lado de nosso ser, capazes de libertar quem realmente somos.

As experiências muito bem refletidas dão espaço para as escolhas, com a presença de nossas pessoas-âncoras, que lograram deixar uma marca permanente conosco, mesmo que já não seja mais possível vê-las. A partir disso, e com a consciência de quem se é, o ser humano demonstra o quão ilimitado e transcendente pode ser.

> 55

Era finalmente eu de novo, estava inteira, já não havia “fatia disso”, “fatia daquilo”, era simplesmente eu habitando meu mundinho novamente. Mas veja bem, sou uma criatura modesta, e também de hábitos minimalistas, creio que um mundo é demais para mim, por isso vou fazer uma pequena correção: era simplesmente eu, habitando novamente meu asteroide.

Kathielle Alves Sales

Gabriela Rabelo Falcão Nobre, Maria Eduarda do Nascimento Oliveira e Gabriel Ribeiro de Sousa

EEEP MARIA CAVALCANTE COSTA - QUIXADÁ, CE

Querido Pequeno Príncipe...

Hoje estou em um daqueles momentos de melancolia, o que me fez fazer viagens pelo seu livro e levantar questionamentos a respeito de mim, da vida e de cativar. Sei que está ocupado cuidando de sua flor, mas espero que arranje um tempo e leia essa carta com carinho.

No planeta do acendedor de lampiões, percebi que aquele homem passava seus dias em completa agonia, vivendo em função de somente uma coisa, sem um real propósito, e me pergunto se não somos todos assim... apenas sobrevivendo ao caos de existir e de precisar, de alguma forma, ter algo para validar essa existência.

A respeito do bêbado, vejo que também somos muito semelhantes a ele, pois ele bebe para esquecer os seus problemas e nós também procuramos algo que nos distraia dessa existência tão cansativa e, quando isso acontece, nos apegamos a esse algo só para preencher esse vazio que, por vezes, não cessa.

Por último, venho falar sobre o cativar, palavra tão bonita, assim como seu diálogo com a raposa. Fico me perguntando se nós não estamos esquecendo de contemplar o universo particular de cada pessoa ao nosso redor pelo egoísmo e pela pressa. Será que algum dia conseguiremos ver além daquilo

que conseguimos enxergar, ou sempre iremos ver chapéus no lugar de jiboias engolindo elefantes?

Por fim, obrigada por me fazer repensar sobre a vida e me fazer voltar a ser aquela criança sonhadora, que acredita no impossível e consegue ser ela mesma, por inteiro.

Com amor,
de pessoas que foram cativadas por ti.

> 34

Moisés Valério Caetano

Alumni do PROJETO AQUARELA - SÃO PAULO, SP

Como aprendemos nos encontros, a leitura nunca termina no final do livro, pois continuamos degustando o texto, refletindo, aprendendo e conversando. Em uma dessas conversas sobre o livro *A fera na selva*, de Henry James, ouvi de Catalina o quanto era tocante a forma que o grupo sentiu “o drama de alguém que não podia viver”, mas que a partir da cumplicidade de uma relação, em algum momento, viveram algo que, ao meu ver, precisávamos entender o que foi.

A partir do drama das personagens, me debrucei na busca pela compreensão dos riscos e das dores motivadas pelo medo que aprisiona em uma espécie de não vida, de espera longe da esperança. Uma espera vazia, presa à iminência do ataque da fera.

Inconscientemente, o medo de não estar à altura da vida fez com que o personagem vivesse preso à superficialidade. O medo afasta, justamente no momento em que se faz necessário conhecer a fera e aprender com ela, pois feras não são ruins ou boas, são apenas feras.

A omissão do viver o conduziu ao uso de máscaras sociais que lhe permitiam se relacionar, ao mesmo tempo em que era a rota de fuga dos encontros verdadeiros. Sobre as máscaras, me apego à possibilidade de serem incapazes de encobrir os olhos, o que me traz esperança. Espero que todos nós, mascarados, em algum momento de distração em que os milagres acontecem,

encontremos quem possa ver nossos olhos e enxergar neles potência, possibilidade.

Entendo que ser reconhecido, no caso dos personagens dessa história, seria encontrar alguém que os enxergasse para além da máscara e compreendesse esse mundo da espera para o acontecimento “extraordinário”, que ambos haviam criado em torno de si. A compreensão ofereceria a eles um novo caminho, seria aquela ponte que os conectaria ao mundo dos vivos.

A partir da leitura dessa obra, sofri uma grande transformação, senti o livro agindo em mim. Abri meus olhos para uma vigilante e profunda reflexão a respeito das máscaras sociais, da espera pelo extraordinário e do medo. Resolvi convocar uma grande aliada, invoquei a coragem de escrever.

A lembrança que trago da viagem pelo livro é um cartão postal. Escrevi para compartilhar e declamar sempre, para que nunca me esqueça de viver.

Por fim, apresento o cartão postal da viagem, o poema “Medo”.

Medo

*Preso à espera do extraordinário.
Sem sequer considerar probabilidade
O que temo é a possibilidade do ruim.
Tal medo desencadeia o maior dos temores que há em mim.
Os tempos se misturam.
Não se define começo, meio e fim.
Dor e medo.
De paralisar, perder e não viver o que há de ser, em mim.*

> 111

Yasmim Nascimento Lopes

EE JOAQUIM EUGÊNIO LIMA NETO - SÃO PAULO, SP

São Paulo, 26 de outubro de 2022.

Querida professora Jerlane e grupo,

Durante a leitura nós nos sentimos livres, como se pudessemos voar no imenso céu.

Nossas reflexões trouxeram muitos aprendizados e perguntas. E a partir dessas perguntas tentamos achar respostas, aprendemos que o tipo de pessoas como o aviador são vazias e não compreendidas, mas fazem de tudo para se destacar.

Entretanto o Pequeno Príncipe trouxe sentimentos de felicidade e companhia, assim fazendo o aviador se sentir criança de novo. Cada um dos planetas que foram visitados pelo Pequeno Príncipe nos deu aprendizados, como: o vaidoso, o bêbado, o empresário, etc.

Nós conversamos sobre o vaidoso, que tem características parecidas com as de Narciso, pois os dois só pensam em si mesmos. O bêbado sofreu no seu passado, já o empresário é como as pessoas grandes. Levaremos várias lições com esse livro, e agora queremos compartilhar nossas experiências.

Um abraço,
Yasmim

> 93

Sofia Mendoza Teixeira, Isabelly Santos Habib Mendonça e Beatriz Kalb Ferreira

ETEC DRA. RUTH CARDOSO - SÃO VICENTE, SP

Conexão e imaginação

Na sala, com as cadeiras juntas formando um círculo, a leitura compartilhada acende a escuta ativa e propaga as experiências de forma instantânea. Encenar a coragem e o orgulho de Teseu e Ariadne traz a história de maneira envolvente, fazendo com que a imaginação flua entre os membros do Círculos, onde cada um encarna uma personagem.

O Círculos nos permite uma verdadeira apreciação de simples ações do cotidiano que, muitas vezes, são atropeladas pela correria do dia a dia barulhento, não permitindo a conexão com o som do universo - como citado em *Kouros*, de Nikos Kazantzákis - nem a conexão com nós mesmos.

Além disso, reservar um pouquinho do nosso tempo para ouvir, falar, discutir e compartilhar opiniões e pensamentos com pessoas que ficam, assim como qualquer bom leitor, tão absortas e encantadas com uma história, é interessante e único. O Círculos de Leitura proporcionou momentos como esse e, agora, com um livro baseado em uma cultura tão múltipla e misteriosa, fica cada vez mais estimulante desvendar capítulo por capítulo.

> 62

Victória Ellen Martins dos Santos

Alumni da EEEP Balbina Viana Arrais - Brejo Santo, CE

O círculo que canta

Em um dia muito especial, conheci o Círculos de Leitura na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), em Juazeiro do Norte, no Ceará. Fui apresentada ao local pela professora Regiane, que me conduziu a uma verdadeira viagem. Senti-me como o Pequeno Príncipe conhecendo um novo planeta. Não demorou muito e já estava encantada. Em cada sala havia produções dos estudantes e através das cores das artes desenvolvidas por eles me vi poeta da imaginação. Ali, naquele momento, experienciei o mais sublime dos sentimentos: o da inclusão.

Reunidos em círculo conversamos sobre Fernão Capelo Gaivota, sobre a beleza de ser multiplicador e de ler as obras não só por meio dos livros, mas também do diálogo. Na dinâmica da leitura compartilhada encontramos o cantar, e cantamos. O divino estava presente, o palco era o espaço ocupado debaixo daquela árvore e poderíamos até dizer que ela era encantada.

Era um círculo de gaivotas, cativadas pela história do Pequeno Príncipe e motivadas pela beleza da partilha. Quando o multiplicador contava a história de que mais gostava, os demais ouviam e ali havia um senso de identificação que ampliava o repertório do Círculos de Leitura, eles eram como o Fernão, contando suas próprias histórias. Ocupavam um

espaço que era seu, entoavam o canto de Eva, e através da sua arte transformavam o momento num espetáculo, com um público que também participava. A integração era absoluta, bonito demais de se ver.

Na lembrança ficou a marca e o desejo de retornar. Na verdade não queria nem ter saído dali. Senti-me renovada pela energia daquele lugar e escrevi três versos:

Há quem viva em busca da felicidade,
Há quem viva em busca de oportunidade,
E existe eu, que encontrei os dois num só lugar

Guardarei na memória com carinho aquele dia em que fui multiplicadora da leitura, e agraciada pela oportunidade de multiplicar para além dos muros da escola, junto dos meus amigos e fiéis companheiros, Antoine de Saint-Exupéry, Richard Bach e de um círculo de amigos mais que excepcional.

> 53

Vitória Maria Vasconcelos Silveira

EEEP Júlio França - Bela Cruz, CE

Querido espelho meu, escrevo-te com míseras palavras porque a imensidão que me atormenta não pode ser descrita com exatidão. Palavras te levam à lua, mas são vagas quando falamos de emoções. E eu, Jacobina, mesmo tendo alguma afinidade com elas, ainda tenho certo temor quando se trata do sentimental, já que a profundidade é imensurável nesse conjunto de letras.

Meu querido espelho, escrevo-te com ternura, em meio à loucura que minha mente se encontra após a lembrança em questão. Era algo que não me atingia, não por indiferença, mas por ignorância de minha parte, e só com o devido entendimento da situação pude finalmente me deixar sentir. Não que isso seja bom ou ruim, a lembrança é extremamente atormentadora. O estado em que me encontrava era deveras preocupante, mas eu não tinha a menor possibilidade de lidar com isso. Você, meu querido, auxiliou-me no encontro da minha segunda alma, a alma exterior, a forma que me confortava, aquela que eu pretendia apresentar ao mundo.

É assustador pensar o quanto valorizava e idolatrava minha segunda alma, o quanto a imagem de alferes era importante pra mim, e muitos outros passaram por isso. A farda complementava meu ser, imaturidade da minha parte, e um meio pedido de socorro perante o desejo pelo reconhecimento e pela aprovação

alheia, vendo-me perfeito diante dela, e um insignificante borrão no espelho distante do distintivo.

Agradeço-lhe, meu querido espelho, por ter passado por isso e me descoberto, agradeço ao tempo pela maturidade de me ver finalmente bem e liberto.

> 51

Maria Luiza Coutinho dos Santos

ETEC DRA. RUTH CARDOSO - SÃO VICENTE, SP

O despertar para a leitura

A leitura trabalha o movimento, mesmo que fiquemos estáticos quando lemos. As palavras ficam em constante dinâmica e são escritas no pensamento a cada leitura. Tirando o fato de sempre discutirmos no Círculos, sentimos que o momento de silêncio é o mais barulhento: falas e imagens enchem nossas mentes e transbordam a cada instante.

Estar presente, mesmo que distante pelas histórias lidas, é se sentir completo e preenchido. Compartilhar ideias e emoções é construir vínculos e abrir mundos nos quais interpretamos juntos, a cada encontro.

Sobre a obra *Kouros*, de Nikos Kazantzákis, destaco minha mudança de olhar para a vida, e como uma leitura sobre tempo e destino impactou tanto na minha maneira de levar o meu mundo interno e externo.

Enfatizo que trabalhar a leitura terapêutica é uma dádiva dada ao leitor, quando praticada. A compreensão textual nos ajuda a descobrir os diversos universos em que estamos inseridos, ampliando nosso repertório e nossa visão de mundo. Sou grata por participar do Círculos de Leitura, pois é um ambiente tranquilo e amistoso que nos ajuda na oralidade, comunicação interpessoal e exercita a interdisciplinaridade, por meio da qual conectamos fenômenos do cotidiano e trazemos cada história para a nossa realidade.

> 92

Laís Estefany Migri Sá

EE DEPUTADO MANOEL DA NÓBREGA - SÃO PAULO, SP

O meu chão

Eu estou igual a Terezinha, procurando um chão, mas o que é um chão? Como procurá-lo? Perguntas, perguntas... Vou tentar procurar saber o que é um chão, horas passando e eu só entendendo que o chão é responsabilidade, mas o que é responsabilidade?

Bem, isso parece ser chato, mas vou perguntar a minha mãe, já que ela sabe mais que eu.

— MãE! O que é responsabilidade?

— Filha, responsabilidade é você ser mais organizada e ter controle de si.

— Mas, mãe, o que é organização? Eu não entendo nada disso.

— Bom, organização é bem simples, é você se programar para tudo o que vai fazer.

— Ah tá! Então é isso! Obrigada, mãe.

— De nada.

Enfim descobri que o chão nada mais é que o futuro que eu escolher, pois com organização e responsabilidade no meus projetos, e com os pés no chão, muita dedicação e estudos, sei que alcançarei o que eu quiser ser.

> 36

O mito traz consigo uma bagagem ancestral, mascara o mistério tão aterrorizante que há no passado e através da contação dessas lendas e histórias lança uma ponte sobre o tempo e torna o passado e o futuro concretos para o sentido do povo.

Isabella Postigo

Wallex Dos Santos Marques

EEMTI PROF^a. MARIA LUÍZA SABOIA RIBEIRO - PARACURU, CE

Kafka, a Boneca Viajante e a infanto-juventude da vida adulta

Como o próprio autor Jordi Sierra i Fabra frisa ao discorrer sobre sua obra, as cartas enviadas pela boneca viajante, são, talvez, um dos mais fascinantes e misteriosos registros literários do século XX por fazerem parte da obra exclusiva, pessoal e “perdida” de um dos maiores escritores da literatura contemporânea: Franz Kafka.

A dinâmica da escrita e da narrativa é o fundamental fator para que sua história, legítimo fruto de sua imaginação acerca de relatos reais feitos por Dora Diamant, “última companheira de Kafka”, assuma este papel transcendental que induz o leitor a viajar junto da boneca de Elsi e a mergulhar de cabeça na imersão do compromisso assumido como carteiro de bonecas para preservar o futuro de uma garotinha.

Essa preocupação com uma situação que poderia ser traumatizante é o que torna este romance uma peça artística tão singular. O tratamento que Kafka adota em relação a Elsi é outro aspecto que esta obra leva à discussão e à troca de ideias. Um olhar fraterno, gentil, cuidadoso e humano vindo de um adulto que demonstra interesse e carinho por sentimentos e emoções em desenvolvimento de uma criança é uma atitude que, muitas vezes, é substituída por arrogância e presunção

por parte de pessoas crescidas que não consideram válidas as emoções infantis, atrapalhando o desenvolvimento de uma psique em formação que pode desaguar num adulto com problemas de autoafirmação e autocuidado.

Dora é outro elemento importantíssimo nesta terna aventura. Como companheira do escritor, ela é uma pessoa que trata Kafka com uma ternura inigualável, sempre apoiando-o (mesmo em sua mais inusitada empreitada, como a de carteiro de bonecas). A força para dar continuidade a essa tarefa talvez viesse dos cuidados e da candura de sua parceira, que sempre esteve ao seu lado.

As lições de vida que Brígida passa para sua antiga dona através das cartas escritas por Kafka, sempre com um constante ar de agradecimento pelo tempo que ficaram juntas, são, sem sombra de dúvidas, ensinamentos que perpassarão todas as fases da vida da menina Elsi e, arrisco dizer, a de todos que se aventuraram a ler este livro fascinante.

Ler *Kafka e a Boneca Viajante* é uma experiência que poucas obras são capazes de proporcionar com a pequena quantidade de páginas que o escritor propõe para sua narrativa, e não podemos esquecer que Jordi Sierra i Fabra deu vida a este livro para que essa história não fosse perdida. É quase um renovo espiritual. Toda a relação entre o carteiro de bonecas e a dona

de uma boneca viajante, com toda a serenidade e dulçor que a infância é capaz de oferecer, é o que faz valer completamente a aventura de se lançar de cabeça nessa história. Essa é a magia da escrita (e de magia da escrita esse livro entende perfeitamente bem).

> 88

Clara Luiza Santos Silva

EE PROFª CÉLIA RIBEIRO LANDIM - SÃO PAULO, SP

Quando li pela primeira vez *O chão adormecido no baú dos sonhos*, fui cativada por toda a história. Sabe quando lemos algo que não sai de nossa mente? Foi isso o que aconteceu comigo após ler essa obra.

Acredito que antes de começar a ler algumas pessoas pensem: “que livro bobo”, e talvez percam a oportunidade de chegar a mundos que nunca imaginaram.

É trabalho de um herói se pôr a caminho, e todos aqueles encontros serviram para ensinar Terezinha que aprender é uma forma de crescimento. Algumas vezes temos medo de crescer, mas a jornada nos mostra que crescer não dói e nem nos faz perder a essência.

Tenho uma imensa dificuldade em dizer qual capítulo é meu favorito, pois todos trazem conhecimentos e ensinamentos diferentes. Em todas as viagens de Terezinha, me senti junto a ela em busca do baú dos sonhos, o que me fez querer ir atrás do meu baú, e percebi ainda mais a importância dos bons encontros. Muitas vezes é difícil ir embora de um lugar onde fomos tão bem recebidos, mas temos de seguir nosso caminho.

Sinto-me assim com a Casinha, que era um lugar onde eu estava sendo esperada, onde fui bem recebida, tive meus bons encontros, descobri sonhos, ensinamentos... Pra mim a Casinha é como a Sá Antônia, ela sempre me chamou atenção

e me instigou. Ficava perguntando-me quem era minha Sá, se existia ou não. E, superando minhas expectativas, ela existe. Agora graças a ela estou em busca do meu baú dos sonhos, do meu herói, de quem eu sou e de quem quero ser.

> 69

Rafael Carneiro Pereira

EEM MONSENHOR JOSÉ CARNEIRO DA CUNHA - CHAVAL, CE

À procura de um chão

Terezinha garota
Com um enorme coração
Menina curiosa e inteligente
Está à procura de um chão
Chão que não é para si mesma
Mas para o pai
Que nesta vida
é levado por onde o vento vai
Uma pessoa sem chão
Neste mundo é como um nada
E é esta a motivação
Que dá início a nossa jornada
Anda menina, pisa na brasa
Sem medo de te queimar
Com passos delicados
Acreditando em você mesma
A confiança te guiará.

> 89

Luiz Matheus Vasconcelos De Farias

EEEP PROF. SEBASTIÃO VASCONCELOS SOBRINHO - TIANGUÁ, CE

O que sobrou a Dom Casmurro?

Que figura estranha, um velho rabugento e solitário andando pelas ruas da cidade maravilhosa. Alma atormentada por seus enganos ou desenganos, ninguém sabe ao certo... Demente? Injustiçado? Ninguém sabe.

De fato, não é um homem que joga tudo que possui por uma janela e se põe às águas do destino, não, não. O velho Dom Casmurro dizia ter seus motivos para tal, o seu amor... Bem, creio que não preciso descrevê-lo a vocês, estão familiarizados, falam de seus olhos, de sua sabedoria, da sua manha e sua suposta história de traição. Já virou uma velha história de botequim, o nome Capitu já deu diversas voltas pelas ruas e vielas dessa cidade, cada boca busca uma verdade, afinal o velho só conta seu lado, como um tribunal que só possui promotor, o advogado e o réu estão calados, nós somos o juiz.

Falem a velha frase de efeito, meus amigos: “traiu ou não traiu?”. Nunca achei essa pergunta relevante neste caso... Já viram aquele velho? Ele não tem nada, apenas um senhor batendo nos portões da eternidade, certo de uma verdade incerta, sozinho. Seu filho? Morto. Sua esposa? Nem ele sabe. De que adiantaria a verdade a este homem agora que jamais será o mesmo? Vai rastejar pela cidade, se agarrando às poucas coisas de sua infância na rua de Matacavalos, menosprezando a própria história até seu fim, se é que já não o teve.

> 38

Débora Nascimento

Alumni da EE REV. TÉRCIO MORAES PEREIRA - SÃO PAULO, SP

Como sentir-se parte desse mundo? Essa é uma questão que há tempos me acompanha e tem se tornado um tema cada vez mais presente em minha vida.

Enquanto estava visitando algumas escolas no Ceará, me deparei com a entrevista “Se alguém irá mudar o mundo são as crianças que têm hoje 10 anos”, de Yuval Harari no jornal “O Estadão”, e fiquei surpresa em como seus temas estão relacionados com as obras que lemos nos Círculos de Leitura. Rilke, por exemplo, em *Cartas ao jovem poeta*, nos diz que é possível entrar em contato com as “influências anônimas”, que vivem dentro de nós. Harari é um historiador que dialoga com Rilke ao mostrar essa herança que temos em comum: “nas profundezas do nosso corpo e mente, trazemos milhões de anos de evolução...”.

Encontrar Harari naquele momento foi uma imensa alegria. Sua escrita me possibilitou ver como há uma verdade científica que se traduz nas palavras dos poetas. Para Octavio Paz: “Os poetas foram os primeiros que nos revelaram que a eternidade e o absoluto não estão além dos nossos sentidos, mas neles mesmos. Essa eternidade e essa reconciliação com o mundo se criam no tempo presente, no aqui agora da nossa vida”.

Nos Círculos de Leitura, lemos as poesias em grupo e em voz alta, as palavras se tornam um mantra, criam um ritmo que abre espaço dentro de nós, capaz de despertar esse saber ancestral. Com ajuda dos poetas, reconhecemos o universo que nos habita.

Com o trabalho em grupo por meio da literatura, compreendemos o mundo e a nós mesmos, nos sentimos seguros porque reconhecemos o outro em nós. Isso é o que possibilita desenvolver esse “super poder da cooperação humana” apresentado nas obras de Harari.

> 27

Giovanna Ferreira Alcântara

ETEC DRA. RUTH CARDOSO - SÃO VICENTE, SP

Ler é como se teletransportar para outra realidade. É, de repente, tornar-se outra pessoa; baixa, alta, magra, gorda, branca, preta, indígena, tanto faz, porque nas páginas de um livro cabe um universo inteiro. É, de repente, tornar-se uma princesa, um herói ou até mesmo o próprio híbrido feroz, como na peça *Kouros*, de Nikos Kazantzákis. É viver aventuras imagináveis, se perder em universos tão distintos e intrigantes, mas, por diversas vezes, semelhantes à realidade.

Assim como Teseu, sinto-me como parte da tripulação que, junto aos meus companheiros, navega por entre as páginas do livro rumo à aventura; partilhando os medos, os anseios e as excitações que nos esperam páginas à frente.

O Círculos é uma grande embarcação: cheia de possibilidades em que as histórias ganham forma, em que a realidade e a fantasia se misturam e pessoas com diferentes perspectivas são capazes de entrelaçar vivências e aprender junto aos livros sobre si mesmos e sobre o mundo.

Desde o começo, essa experiência tem sido transformadora e tem me ensinado o poder das palavras e do diálogo. Esse é meu tempo kairótico.

> 73

Guilherme Soares de Sena

EE PROF. WILSON ROBERTO SIMONINI - SÃO PAULO, SP

Baila na brasa

Baila na brasa
Perde teu medo
Ganha vontade
Amor é desejo.

Oi Tereza, sou eu,
a sua rainha do Congo.
Já faz tempo desde a última vez
e sinto falta.

Da carência de chão
se criaram paredes,
acho que além de chão
eu te dei asas.

Eu sinto falta,
sinto falta de te ensinar
as coisas pequenas da vida,
te mostrar um mundo novo
que você ainda não conhecia,

viver como água...
Andar sobre brasa.
Sinto falta de te dar pés
e te ensinar a andar.
Sinto falta de te ver
se tornando mulher,
uma mulher de alma e coração.
Sinto falta de você ser meu rumo.
Eu sinto falta de você, Tereza.
Voa, e não olha para trás,
pessoas importantes
vêm e vão na nossa vida,
e isso não precisa ser ruim.
Eu estou bem, Tereza.
Mas sinto falta.

> 76

Maria Bianca Silva Duarte

EEEP RAIMUNDO SARAIVA COELHO - JUAZEIRO DO NORTE, CE

Descobrimo meus olhos

Quando se tem toda uma vida para viver, amigos leais, uma mãe e irmãs que te apoiam, você acredita que aquele é um mundo seguro e perfeito, mas, conseqüentemente, você passa a olhar a vida a partir da ótica dos outros.

Eu costumava acreditar que isso seria o bastante, mas com o passar dos anos comecei a me sentir cada vez mais perdida, como se uma espécie de névoa tumultuosa tomasse conta dos meus sentidos. As coisas já não pareciam ser tão perfeitas, aquele mundo parecia pequeno demais, as respostas para minhas perguntas nunca eram suficientes e toda a minha ideia de alegria ia sendo arrancada de mim, parecia não sobrar nada.

A evolução é algo inevitável, mas pode ser confusa, como qualquer pessoa que passa pelas diversas fases da vida e a imensurável necessidade de respostas, que nunca são o suficiente, por isso senti a necessidade de me redesenhar e me aventurar. Era chegada a hora de me movimentar, me libertar e experienciar novas coisas. Aquela caminho pré-definido e fictício que parecia ser seguro já não me parecia certo, e nem meu. Resolvi abrir as fechaduras do baú e fazer minha voz ser ouvida.

Quando li *O Chão Adormecido no Baú dos Sonhos*, todo aquele vazio, o anseio de seguir novos caminhos e de conhecer novos mundos fizeram mais sentido do que nunca, pois me vi refletida em Terezinha. Eu precisava suprir minha necessidade do desconhecido, era hora de amadurecer e pensar além de uma vida moldada para a perfeição, porque nada é verdadeiramente perfeito, era hora de me reconhecer como uma mulher.

Passei a me dar novas oportunidades e me tornei mais segura comigo mesma. Percebi quem eu sou e quem eu posso vir a ser, me orgulhei da minha história e do fato de me permitir seguir em frente. Foi uma oportunidade de pensar nos novos caminhos que queria construir e seguir na melhor direção possível. Meus olhos finalmente tinham deixado de apenas enxergar e começaram a ver o mundo sobre o meu próprio ponto de vista. Não era uma visão de um mundo perfeito, mas era minha. Agora meus olhos refletem a minha alma.

> 121

Lorena Luna Alves

EEEE IRMÃ ANA ZÉLIA DA FONSECA - MILAGRES, CE

(Excertos)

Busquei em terras algo irreal
Procurei no físico, o emocional
Não me vejo, não me encontro
Saio de mim, para encontrar o que procuro

Não me conheço, não me sinto
Ajo por mim, ou puro instinto?
Me busco, não me encontro
Me silencio, ou me confronto?

Anseio por mim, anseio por ti
Meus próprios medos, percorri
Busco ancorar em porto seguro
Será minha busca, um tiro no escuro?

[...]

Sou conjunto de maresia
Sou brisa, sou verão
Sou calor, sou emoção e histeria
Sou eu, à procura da ilha desconhecida.

> 90

Espero que todos nós,
mascarados, em algum
momento de distração em
que os milagres acontecem,
encontremos quem possa ver
nossos olhos e enxergar neles
potência, possibilidade.

Moisés Valério Caetano

Moisés Valério Caetano

Alumni do PROJETO AQUARELA - SÃO PAULO, SP

Concebi uma ideia de amizade que transcende a profundidade de uma relação e não se restringe a uma pessoa ou sentimento. Acredito que a amizade seja uma força, um instrumento da providência que se usa de pessoas, livros, animaizinhos, um objeto simbólico, memórias afetivas que nos remetem a um tempo no passado ou sonhado no futuro.

A literatura nos apresenta todos esses diferentes tipos de amigos, mais velhos, mais jovens, poetas que aconselham e nos convidam para o mundo mágico da festa, nos conduzem ao encontro de novos amigos que, por sua vez, nos ajudam a construir nosso chão, amigos que conhecem a nós e a vida tão profundamente. Esses amigos nos apresentam novos amigos, coisas, livros e lugares que sabem que precisamos conhecer, gentilmente nos oferecem respostas para perguntas que ainda não haviam surgido em nosso horizonte.

Amigo ensina a nobreza de ser amigo, lembro-me agora da Raposa, em *O Pequeno Príncipe*, que fala sobre a responsabilidade ao cativar um amigo, o que poderia soar como algo pesado e dar um certo receio, mas a amizade verdadeira é algo leve e, como tudo acerca de sua existência, a responsabilidade é compartilhada entre os amigos, por isso não se torna um fardo e sim um prazer de estar perto e aprender juntos.

Gosto de pensar a amizade como um encontro verdadeiro, no qual não apenas se divide, mas se potencializa e todos

crecem. É uma conta complexa demais para qualquer gênio da matemática restringir sua explicação a uma resposta lógica e racional, uma resposta que nunca é previsível e vai se apresentando ao longo da vida.

Recentemente todos nós atravessamos um período do desconhecido, tivemos que repensar e ressignificar o normal, elucubrar e refletir sobre o novo normal. Foi aí que aprendi ainda mais sobre a amizade, das antigas às novas, desde as apresentadas pelos livros recomendados até as pacientes, aquelas que respeitam o tempo individual de maturação de cada amigo.

O amigo é isso, não apenas necessidade de se ter, mas a dádiva da certeza de saber que se tem. É a alegria de se encontrar cansado, perdido e sentir a segurança de olhar para o lado e enxergar um sorriso, receber um abraço e saber que nesse mundo não estamos sozinhos.

> 23

Isabella Postigo

EE REV. TÉRCIO MORAES PEREIRA - SÃO PAULO, SP

O afogado mais bonito do mundo é uma obra que me toca desde a primeira vez que a li, para falar a verdade, acho que nem fui eu que escolhi escrever sobre ela, foi um terceiro lugar em mim, a terceira margem do rio que soprou ao meu ouvido as palavras que verbalizavam essa expressão que vem da alma.

O afogado chega em uma ilhazinha onde habita um povo que não possui um significado. Suas terras são escassas, sem flores e com ventos muito fortes, mas, Estevão (que a princípio não possuía um nome), chega representando o mito fundador que faltava para aquele povo. Ele chega como algo muito maior do que todo aquele povoado e que não se pode definir de onde, como e por que veio.

O mito traz consigo uma bagagem ancestral, mascara o mistério tão aterrorizante que há no passado e através da contação dessas lendas e histórias lança uma ponte sobre o tempo e torna o passado e o futuro concretos para o sentido do povo.

De início, os homens estranharam Estevão, não viram sentido em toda aquela festa e alvoroço pela chegada dele. Assim, foi preciso que uma mulher tirasse o véu dele(s) para que pudessem reconhecer Estevão. Acho muito bonita essa parte que diz “reconhecer”, pois, eles já o conheciam, ele não era estranho. Os homens se enxergaram nele, como Terêncio disse: “Nada do que é humano me é estranho”.

Todos se tornaram irmãos, pais e mães de Estevão, juntos em um espírito de ancestralidade que promove a cooperação humana.

Agora, o corpo de Estevão caiu no abismo, o que demorou uma fração de séculos. Mesmo após tanto tempo, o povoado nunca mais foi o mesmo, ele possuía um sentido. Tudo possuía um significado. Após a chegada do gigante Estevão, as portas eram mais largas, os tetos mais altos e os pisos mais firmes, pois a qualquer momento ele poderia chegar. As terras agora eram repletas de flores e girassóis, as fachadas eram pintadas de cores alegres e até o Sol decidiu ficar ali bem perto deles, que não eram mais qualquer povoado, era o povoado de Estevão.

A ilha agora era só festa, a festa de contar histórias, ali onde a morte e a vida se encontram e se reconhecem, ali onde habita “o traje festivo do mistério da vida”.

> Fim/Começo

Gustavo Gulielmi

EE PROFª CÉLIA RIBEIRO LANDIM - SÃO PAULO, SP

Busque-me

O que é esse tal de amor?
O que te faz o amante,
ou o amado...
ficaria horas nesta questão

O amor é uma construção do tempo
do momento
da história
e da vivência

O amor ama-se por si só
O amor é como o suspiro após o medo
A nostalgia dos momentos
O primeiro verso do poeta

Amar é como sentir o vento na pele
Até porque um mundo sem amor perde o brilho
Amor é a energia mais pura dos sentimentos
Já este se camufla e se liberta em meio às vivências

Não tente buscar o que é o amor
busque Amar
Amar é lindo e hidrata a alma
É a lágrima do poeta
É o sono após a canseira
É a solução da alma

Busque o amor pelos campos
Busque-me pelas risadas
Busque-me nos poemas
Nas estradas
Nos momentos
Nos sentimentos
Me encontre na vida

Eu sou a mais pura voz do ativista
O ensinamento do sábio

O amor é algo que deve ser sentido
apreciado

demonstrado

O amor é açúcar que colocamos no café preto
passado em um coador de pano
e feito por uma senhora chamada história

Não tente me entender, meu caro

Tente me sentir

Apenas sentir

Não resista aos meus pedidos

Quem me usa pra seus anseios mortais

Jamais provará da minha essência

Ou talvez prove... mas como eu já disse:

Não busque me entender

Busque me sentir

busque viver.

> 67

Gustavo Gulielmi

EE PROFª CÉLIA RIBEIRO LANDIM - SÃO PAULO, SP

Para Eros

Quando me deparei lendo mais uma vez o seu hino, me atentei que no rodapé da folha estava escrito que você seria o princípio motor cósmico. Obrigado por essa dica.

Já me senti envolto pelos seus mistérios tantas vezes que precisei te enviar esta carta.

Acredito que nada na vida acontece por acaso, e se Eros é o motor cósmico da vida, então nada que acontece recusa o seu toque. Mas realmente... quem é você???

Será apenas um deus grego, será o amor ou apenas uma criação dos homens que, como já dizia Freud, precisam de algo para crer? Gosto de pensar em ti como a imagem humanizada do próprio amor, até porque o amor é o sentimento mais humano e natural que existe no mundo.

Meu querido amigo, mesmo que ainda não tenhamos sido apresentados em nossa forma carnal, já te senti em minha alma várias vezes, e te chamo de amigo porque sei que já nos conhecemos e nos conectamos, porque sei que nunca fomos estranhos, até porque “nada do que é humano me é estranho”.

Suas formas e suas escritas me fascinam de ver e poetizar. Peço que me abrace quando eu chorar, meu caro amigo, porque sei que seu colo acalenta o coração até mesmo da mais

ignorante das feras, e que seu poder de transformação irá mudar o mundo.

Nunca vou deixar de lembrar do dia em que eu voltava de um encontro do Círculos de Leitura na Casinha e você me acertou com a mais bela e leve de suas flechas, quando eu olhava a simples beleza da vida, e eu me apaixonei por ela.

Sou tão novo e tão velho para esse jogo, meu amigo. Já senti amores e dores por muitos anos sem conhecer exatamente a sua essência, e eu rasguei o véu que estava nos meus olhos quando você me tocou em uma tarde qualquer da semana e me fez ver que as coisas que um dia chamamos de feias e sem graça, foi somente porque nunca soubemos dar a elas um segundo olhar. Me apaixonei pela vida e sua essência leve e forte, bela e... desafiadora.

Obrigado por rir comigo nas tardes que parecem frias à ignorância e me fazer gostar do meu choro enquanto tentavam me fazer parar de sentir.

Tu me cativas diante a sua dor, que machuca e transforma e nos dá sabedoria, para não gastar nossa essência e saber valorizar as coisas, e saber dar valor a nossa rosa sem temer os seus espinhos.

Quando for a hora de me apaixonar por outro ser carnal, me abrace para que eu aprenda a amar os detalhes e estar com alguém que me faça evoluir a cada dia e me apaixonar por mim mesmo e pelo novo, e que eu possa enxergar o amor até mesmo em uma oração feita com fé, como Nicolai se apaixonou por Maria.

Eu ainda tenho medo daqueles que dizem te conhecer e só te usam para seus anseios mortais, mas sei que estes talvez nunca provem da sua verdadeira essência, ou talvez até provem, parei de tentar entender o que é o amor que você representa e comecei apenas a amar.

Compreendi que você nunca teve ou terá uma morada fixa, mas que eu posso te encontrar na vida, nos detalhes, nas coisas naturais e simples. Um dia você me ensinou que a simplicidade sem amor nos deprecia, então sei que não basta ver, mas sim dar valor e sentir.

Você é humano meu amigo, por isso talvez assuste tantos, mas sei que eles ainda te sentirão como o primeiro gole de um café preto passado em um coador de pano, e feito por uma senhora chamada história.

Obrigado por tudo, meu caro amigo, até a próxima vida.

> 30

Joana Dafne Magalhães

Alumni da EE PROFª CÉLIA RIBEIRO LANDIM - SÃO PAULO, SP

Perdoando Deus e me perdoando

Perdoando Deus, de Clarice Lispector, retrata a história de uma mulher que, encantada com a maravilha de sentir-se livre, viu-se tal qual a mãe de Deus. “Em uma atenção sem esforço”, pela primeira vez ela parecia ver o mundo e sua grandeza. Entretanto, como a maioria das coisas que bagunçam nossas vidas, surge de repente aquilo que ela não esperava: um rato morto. Um rato morto aos seus pés. Um (in)significante rato morto que abalou tudo.

Desse modo, ela agora já não era a mãe Dele. Quem Ele pensava ser para lhe mostrar o rato morto? O que Ele planejava revelar com tudo aquilo? Deveria ela engolir a liberdade que havia sentido?

Li esse conto pela primeira vez em contato com o Círculos de Leitura. Me lembro como hoje das lágrimas que caíram de meus olhos ao sentir que também era a protagonista da história. Assim, nunca tendo me sentido verdadeiramente livre, me considerava a mãe de Deus. Nunca cuidada, mas sempre cuidando. É triste a vida daquele que acha que tem responsabilidade sobre tudo aquilo que flutua ao seu redor, que busca olhar para o todo sem olhar para si, que abraça apenas aquilo que lhe parece belo e estável. Essa era eu.

Por muito tempo vivi feliz em meu mundo, fugindo dos conflitos, dos ratos, porque “eu era muito sangue”, ou escapando ao máximo do que me fugia do comum, mas essa não é a vida. A vida, não que eu saiba muita coisa sobre ela, é uma mistura do inesperado que habita em cada esquina, os ratos mortos que te aparecem aos pés e maravilhas ao sentir-se livre. Não quero mais fugir disso, não quero propagar a vingança dos fracos e desejo aprender a lidar com este outro que aparece e me assusta, mas que também é mundo, também é Deus.

Há algo que tem me ajudado com este processo: os livros. Vendo os personagens que lidam com situações que não podem controlar, acredito que tenho me preparado para não fugir da dureza da vida. Talvez eu ainda não consiga pegar um rato na mão, mas pelo menos já não fujo quando vejo um em minha frente.

> 32

Victória Ellen Martins dos Santos

Alumni da EEEP Balbina Viana Arrais - Brejo Santo, CE

Eu jornalista

Querida Anne Frank, li e reli seu diário muitas vezes. Mesmo você sendo jovem, a sua escrita é atemporal. Gostaria que soubesse que me identifico muito com sua história, e, assim como você, sou apaixonada por livros. Também me arrisco na produção de textos. Inclusive, estou realizando nosso sonho de ser jornalista.

Você viveu uma Guerra Mundial, eu, uma pandemia. Acho que em tempos difíceis os livros são nossos melhores amigos. Confesso que fui relendo seu diário nas férias e os sentimentos despertados na primeira vez voltaram a mim com intensidade. A sua narrativa me fez perceber a história de uma forma diferente, compreendi que em guerras quem mais sofre são os inocentes, e que você não merecia ter passado tudo o que passou. Sinto muito que tenha sido assim.

Mas, apesar de tudo, você me traz a alegria da esperança. Quero escrever por nós e, através dos meus textos, dar espaço à justiça e à verdade, pois acredito que vale a pena lutar por um mundo melhor.

Enquanto jornalista, sei que mudar o mundo não é uma tarefa fácil, mas encontro força em você, querida Anne. No meu processo criativo, lembro da sua narrativa tão incrivelmente marcante. A forma como você enxergava as pessoas do anexo

secreto e contava a história delas despertou em mim o desejo de narrar as histórias das pessoas que não têm visibilidade nesse mundo onde tudo é instantâneo. Não é uma crítica à instantaneidade, mas gosto desse processo de conhecer para depois escrever. Aliás, na essência da minha curiosidade, sigo o tripé do Programa Círculos de Leitura: o ler, o ouvir e o compartilhar. Em especial no ouvir sinto-me fortalecida, é como se a audição fosse a expansão da comunicação.

E, por gostar tanto da comunicação, percebo que no seu diário você a realiza com maestria. Como pode uma garotinha de tão pouca idade colocar no mundo um material tão rico? O seu pai foi muito generoso ao permitir a publicação das suas cartas.

Finalizo com um singelo agradecimento. Você me motiva a lutar pelo nosso sonho de ser jornalista. Espero um dia escrever tão bem quanto você, e prometo que serei fiel a mim mesma e ao que acredito nesta missão.

Com carinho,
uma jornalista em formação.

> 119

André Carvalho

Alumni da ETEC IRMÃ AGOSTINA - São Paulo, SP

Envelhecer é um processo curioso. Não sei quantas vezes precisei deixar para trás um antigo eu, alguém que me recordo de maneira saudosista. Também não sei quantas dessas vezes estava certo de mim, carregando comigo certezas que se mostraram dúvidas.

Dessa forma, como diria Fernando Pessoa, “que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?”. Um emaranhado de falsas certezas, mentiras e enganações ou projeto nunca concluído em constantes atualizações.

Não vejo isso tudo como um problema também. Talvez seja parte da graça encontrar a sua jornada e respeitá-la. Talvez ficar preso em alguma dessas “atualizações” por um tempo ou carregar comigo algumas dessas certezas mais do que deveria.

Dizem que só se vive uma vez, mas eu tenho minhas dúvidas. Prefiro acreditar que vivo a cada dia. Um novo eu. Claramente ainda preso àquilo que já fui, mas de alguma forma diferente. Afinal, hoje estou mais próximo do fim da minha jornada (se é que existe um) do que ontem, mais próximo de arrumar a pilha de falsas certezas (se é que isso é possível).

A cada dia sinto que estou caminhando para uma melhor versão de mim, mas envelhecer continua curioso. Às vezes coloco esse processo em dúvida e me questiono se estou confundindo movimentos em círculos com progresso.

O que enxergamos como espelho para o nosso íntimo, aquilo que decidimos absorver depois de muito observar, hoje não me parece estar apenas no outro, como eu tinha certeza. Me pergunto quantas vezes cobreí de alguém aquilo que eu mesmo deveria me cobrar sem perceber que o espelho não pode me julgar. Penso que talvez o mundo deva ser nosso espelho, mas me pergunto como faria para ser algo além.

Acho que no meio de toda essa bagunça, apesar de tantas trocas de peles, eu ainda continuo sendo eu de alguma forma. Quando digo que deixei para trás uma antiga versão, esqueço que carrego-a na minha memória. Se hoje já me orgulho de todas essas versões, espero ansiosamente pela continuação disso tudo. Mais uma vez, talvez essa seja a graça de toda essa experiência.

> 103

Sophia Oliveira

EE REV. TÉRCIO MORAES PEREIRA - SÃO PAULO, SP

A história invisível

Aquilo que me é invisível aos olhos.

Um dia conversei com um peixe,

e ele me fez ver aquilo que eu não acreditava ser real;

no outro conversei com um sapo muito sábio

e vi uma bruxa que com o tempo não era tão feia quanto me parecia ser.

Eu queria ser órfã e livre,

agora sou extremamente órfã e extremamente livre.

Estou querendo descobrir o mundo,

correr nos trilhos e não ter nenhum adulto para me impedir mas o que é o mundo?

E qual o final dele?

Está tudo invisível para aquele que corre e não se permite ver, na verdade nunca sentirá que o mundo é você.

Queremos nos libertar de nós mesmos, queremos ser livres e sozinhos, mas temos medo da solidão. A verdade é que temos medo do sentimento da solidão.

Quando crianças, somos loucos para ir para o mundo, mas o mundo está sempre aqui, e algumas coisas estão prontas para acontecer, nós podemos encontrar o mundo na trama que nos une invisivelmente uns aos outros. O bom da vida e do mundo é que ele sempre é invisível e difícil de se entender,

ou às vezes nem é tão difícil de se entender, mas estamos com o véu que nos cega e não nos permite ver, e às vezes precisamos de pássaros para nos sussurrar essa sutilezas da vida.

Acho que esse livro continua sendo uma grande incógnita para mim, e ainda tenho muitos porquês escondidos debaixo dessa cortina de perguntas que existe na minha cabeça sobre a vida, mas acredito que ele fala sobre aquilo que é invisível aos nossos olhos e sobre o sentimento de liberdade, porém ainda sinto um leve sentimento de solidão dentro dele. Talvez ele fale da solidude ou da tal vontade sem limites de ser livres com a qual nós, seres humanos, não sabemos lidar e acabamos nos perdendo em um mundo desconhecido e invisível, que nos traz certos tropeços e experiências peculiares de serem contadas, mas é para isso que existem os livros, para contarmos essas loucuras que a busca pelo nosso eu nos traz...

*“Qual sua substância, do que você é feito?
Quantas sombras esquisitas te acompanham.”*

Shakespeare, *Soneto 53*

> 123

Bruna Pereira da Silva

EE CARLOS GOMES - SÃO PAULO, SP

Encontro-me sentada numa cadeira aconchegante que me traz a sensação de conforto, mas não consigo mudar a expressão em meu rosto. Tenho um livro em mãos, um livro que fornece moradia, um livro que espelha minha alma, no entanto há um porém e há um vazio, as páginas em branco me contam isso.

E então as dúvidas aparecem: “O que venho compartilhando sobre mim? Sobre o verdadeiro eu? Por que uma capa é tão detalhada, se quando aberta não há mais nada?” E então chego à difícil conclusão de que eu tenho me vendido pelo valor mais caro, pois as pessoas compram e gostam de capas detalhadas.

Eu esperava alguém interessado no conteúdo que construo em meu interior, mas as palavras que escrevi até hoje não traduzem minha vida, não condizem com quem sou e não me fazem escritora, elas se encontram em algum outro livro, em alguma outra história, mas não na minha.

Quando li *Cartas a um jovem poeta*, de Rainer Maria Rilke, eu pude ter mais clareza do amor a que ele se referia:

“O amor constitui uma oportunidade sublime para o indivíduo amadurecer, tornar-se algo, tornar-se um mundo, tornar-se um mundo para si mesmo por causa de outra pessoa”.

Por um tempo, interpretei de maneira incorreta essa frase, deixei o ideal de outra(s) pessoa(s) formarem meu mundo,

mas finalmente compreendo que quem eu deixei de ser me impulsionou a desenvolver uma escrita autoral.

Despertada então de uma ilusão, a ilusão de ser quem nunca fui, a dor transformou o que era cômodo em algo novo. Acredito que os clássicos possuem esse dom e conto com este momento para inspirar e cativar as pessoas neste recém-enredo, compartilhando o autoconhecimento adquirido para que essa herança seja mantida.

> 117

Kathielle Alves Sales

Alumni da EEEP MARIA MÔSA - OCARA, CE

Teve uma vez que me perdi de mim

Lembro-me como se fosse ontem, me parti em duas e separei-me em fatias. A que ficou era bonita, cheirava bem, tinha boa aparência e era agradável aos olhos, porém não era exclusiva, existiam milhares como ela, e eu nunca seria única sendo apenas aquela fatia. Fiquei desesperada..., será que nunca mais seria essencial a algum lugar ou a alguém? Seria eu agora um ser ordinário no mundo? Foi aí que me lembrei da outra fatia...

A parte de mim que se foi era leve como uma nuvem e fresca como uma fonte. Era essa parte que cuidava da que ficou. Ela me fazia diferente dos demais, era a parte que me fazia sorrir meus melhores risos, sonhar meus mais belos sonhos, alçar meus mais altos voos; era meu coração! O que seria de mim sem mim? Eu estava me fazendo uma falta tão grande...

Ah, como era orgulhosa a parte que ficou! Sempre agindo como se a que se foi não fosse tão importante; mentira! As duas eram preciosas, pois sem uma a outra não fazia sentido. Sem a que se foi, a que ficou era um poço de futilidade que se achava forte sem ser. Seus espinhos, que criava para se defender, mais serviam para cansá-la que para qualquer outra coisa. Sem a que ficou, a que se foi era uma casca vazia, vagava por aí procurando encontrar o que já havia achado,

sem tomar responsabilidade pelo que possuía, sem cuidar do que realmente lhe era importante.

Eu fui mesmo muito cruel comigo, fui imatura, mas, por sorte, encontrei em uma estante, da empoeirada biblioteca, um mapa para voltar e me achar. Achei também uma cola bem forte, daquelas que os adultos mandam ter cuidado na hora de manusear, e foi exatamente com esse cuidado que tratei de me agarrar a mim. Era finalmente eu de novo, estava inteira, já não havia “fatia disso”, “fatia daquilo”, era simplesmente eu habitando meu mundinho novamente. Mas veja bem, sou uma criatura modesta, e também de hábitos minimalistas, creio que um mundo é demais para mim, por isso vou fazer uma pequena correção: era simplesmente eu, habitando novamente meu asteroide.

> 113

Mariana Fernandes de Oliveira Camargo

EE PROF^a CÉLIA RIBEIRO LANDIM - SÃO PAULO, SP

Quando as cadeiras dão as mãos

Existe um mundo atrás do véu, esse véu aí que você vê agora.
Puxe, rasgue, corte, queime ele!

O mundo do sentir surge quando as cadeiras se dão as mãos. Ele sempre te espera, um mundo feito apenas para os homens que, não apenas conhecem, mas tocam e são tocados por outros.

Crianças cheias do eterno que entendem que, o “essencial é invisível aos olhos”, que reconhecem os “pequenos milagres do cotidiano”, sabem que todo caminho lhes pertence, que um encontro pode ficar nas redondezas do seu coração.

Esses, sim, conhecerão o verdadeiro reino do céu. Irão rir, chorar, gritar, brincar, brigar, morrer, renascer, amar com todo seu ser, e odiar na mesma intensidade, porque tudo te habita no céu.

Nas memórias, coletivas e individuais, do camelo e do leão, novas e velhas, as crianças encontram chão e sonho, a liberdade e a rosa, a criação e o fim.

E, assim, a maior fome do homem é saciada.

> 115

**Ana Beatriz Nobre Medeiros, Francisca Yara
Sabino Mendes e Maysla Alves de Sousa**

EEEP MARIA CAVALCANTE COSTA - QUIXADÁ, CE

Caro José Saramago,

Estamos escrevendo-lhe esta carta para agradecer pela excelência da obra *O Conto da Ilha Desconhecida*, mas não é exatamente sobre a excelência do escrito e o desenrolar coeso da história. A nossa gratidão ocorre pela profundidade dos ensinamentos contidos em cada linha da obra, pois ela nos eleva a um patamar de reflexão tão intenso que é como se nós nos descobríssemos capazes de ver o invisível.

O conto da Ilha Desconhecida nos ensina a ir falar com a mais alta patente, mesmo sabendo que para chegar ao rei haverá obstáculos e burocracia, os intermediários, os profissionais protetores do rei, que sempre estarão na frente e que nunca farão seus pedidos chegarem à majestade.

Querido Saramago, quem leu a sua obra nunca mais será o mesmo, pois você nos ensinou que não existe sonho impossível. Também nos ensinou que pelo sonho se enfrenta a incerteza, a incredulidade dos céticos, os súditos vassalos, os babões que nos distanciam daquele que pode nos atender. PELO SONHO SE ENFRENTA A CORTE.

Obrigada por nos fazer entender que nem todo mundo vai nos acompanhar nesse sonho, às vezes vamos ter que ir sozinhos. Além disso, foi muito bom você nos mostrar que, em algum lugar desse planeta vai surgir alguém para embarcar

contigo nesse seu sonho meio louco, nessa nossa procura por algo que, muitas vezes, está longe de nós.

Saramago, obrigada, nós nunca havíamos lido nada tão forte assim, tão encorajador, tão bom de ser vivido. A tua obra, além de nos ensinar a lutar por aquilo que queremos, também vira poesia nas mãos de quem deseja viver os sonhos de verdade. Como prova disso, aqui vai uma poesia que você nos inspirou a criar:

Gostar é deixar livre para crescer,
Juntamente com você.
Ter não é gostar,
Ter é prender
Isso não se pode fazer.
“Gostar é provavelmente a melhor maneira de ter,
ter deve ser a pior maneira de gostar”

Saber se conhecer é um processo,
É preciso se permitir, para assim ter progresso.
Somos nossa própria ilha em busca de evolução
Podendo ocorrer uma grande transformação
Mas não precisa pressa, tudo no seu tempo

Chegará seu momento!
Para uns, sair da ilha é autoconhecimento,
Para outros, é passar a vida inteira em um palácio,
Até permitir se encontrar,
E somente então saber onde é seu lugar.
A coragem é um forte elemento
Para o nosso autoconhecimento
Pois só conhecemos nós mesmos
Quando limitamos nossos medos
E quando não deixamos de desbravar
A ilha desconhecida que é o nosso lar!

Obrigada por uma obra que resgatou nossos sonhos.

Abraço,
das meninas que agora sonham!

> 86

Isabella Postigo

EE REV. TÉRCIO MORAES PEREIRA - SÃO PAULO, SP

A experiência curiosa e, ao mesmo tempo, desafiadora de ler Guimarães Rosa se caracteriza pela escrita complexa, carregada de um grande toque subjetivo usado para expressar o que ainda era intraduzível na nossa língua.

Guimarães escreve de forma muito sensível e livre, como se estivesse escrevendo um poema; palavras como: “espantado”, “muxoxôzinho” e “pensamôr” podem até não ter tradução na nossa língua, mas, possuem “canto e plumagem”, possuem um movimento próprio de significado que só pode ser compreendido por aqueles que, assim como este grande poeta, vivem (ou viveram) em estado de infância.

As Margens da Alegria e Os Cimos nos ensinam sobre o luto, aliás, a importância da elaboração do luto. Não se prendendo somente ao luto que se revela após a morte de um familiar ou de uma pessoa próxima, mas, também, quando há a perda de algo importante para si, como o fim de um relacionamento ou saída de um trabalho muito prestigiado, ainda que esses eventos não se equiparem à dor da perda de alguém.

Freud diz que algumas pessoas vivem na melancolia porque não elaboraram o luto. No entanto, se não elaborarmos o luto ficamos ressentindo essa perda, presos a um estado de negação e raiva, sem viver o tempo presente. Há casos, como a Catalina disse, que as pessoas chegam até a imitar as atitudes da pessoa perdida.

Após passar por toda a dor, tristeza e por fim a aceitação, o menino inicia a elaboração do luto. Ao se deparar com a morte do peru, ele se aquietou no próprio quebranto, e somente assim pôde ver as coisas de forma mais vívida novamente, ver a “luzinha verde do vaga-lume”, que simboliza a alegria. Assim também fez com o bonequinho macaquinho, que para ele não foi perdido, estava somente passeando “na outra-parte, onde as pessoas e as coisas sempre iam e voltavam”.

O menino possuía recursos internos, que são os bons encontros, e soube lidar com a ausência porque, nas palavras de Drummond:

“[...] Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus
braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.”

A verdadeira morte é o esquecimento, porque enquanto a pessoa estiver dentro de nós através das memórias, ela permanecerá viva.

Ilustrações

Ilustrações

Quando os alunos encerram a leitura de uma obra do **Círculos de Leitura** nas escolas, chega o momento da escrita. O ato de escrever constitui parte importante da metodologia, quando os participantes se apropriam individualmente do conhecimento coletivo alcançado no grupo.

Além da escrita, há a possibilidade dos jovens também se expressarem desenhando, pintando, criando dentro das múltiplas possibilidades do universo das artes.

As ilustrações desta edição do **Lembranças da leitura** retratam com cores, formas e texturas os sentimentos que as leituras provocaram nos jovens. A possibilidade de ilustrar as memórias das obras literárias estende o fio dessa conversa infinita e amplia o poder transformador da arte.

Laiz Rhianna Silva Delmondes Leite

EEEP LUCAS EMMANUEL LIMA PINHEIRO - IGUATU, CE



Clayton Pires Victor

EEEP PROF^a LYSIA PIMENTEL GOMES SAMPAIO SALES - SOBRAL, CE



Leticia Rodrigues de Oliveira Francelino

EEMTI FILGUEIRAS LIMA - IGUATU, CE



Pedro Lucas Linhares Martins

EEEP FRANCISCA MAURA MARTINS, HIDROLÂNDIA, CE



Pedro Teles Martins

EEM DONA MARIETA CALS - CARIRÉ, CE



Agradecimentos

Gratidão a todos os alunos, alumni (ex-alunos), professores parceiros e amigos dos **Círculos de Leitura** que fizeram parte da realização do *III Concurso Lembranças da Leitura*.

Agradecemos a nossa banca avaliadora composta de professores, educadores e voluntários do **Programa Círculos de Leitura** e, em especial, a Rita Depieri, Sandrine Ferdane, Sandra Bensadon e Nícia Lira.

Este livro é resultado de um profundo trabalho coletivo.

Banca avaliadora de textos

- Ana Maria Damasceno Landim
- Ana Paula da Silva
- Antônio José Ferreira de Souza
- Arara Xestal
- Denise Santos Fernandes
- Evelma Rodrigues de Araújo
- Fernando Magalhães Rangel
- Flávia Nicaele Sousa Silva
- Francisco Helton Alves da Silva
- Jaxciley Freire Lima
- José Wellington de Oliveira
- Lígia de Lima Conceição
- Mônica Fernandes da Silva
- Rita de Kassia Fernandes de Almeida
- Tereza Maria de Lima

Banca avaliadora de ilustrações

- Rafael Moia Almeida Gomes
- Geovanna da Silva Holanda
- Leidiana Rodrigues do Vale
- Cris Lombardi
- Gabriela Ferreira Fernandes
- Pollyanna Araujo Lima Moita
- Laine da Silva Carvalho
- Nicolas Lima Teixeira
- Lucienne Maria Leal Pereira

Escolas participantes

- EEEP Professor Antonio Valmir Da Silva
- EEM Professora Iraci Pereira De Alcântara
- EEMTI Raimundo Tomaz
- EEMTI Romeu De Castro Menezes
- EEMTI José Nilton Salvino Franco
- EEMTI Raul Tavares Cavalcante
- EEMTI Carneiro De Mendonça
- EEMTI Coronel Osvaldo Studart
- EEMTI Estrela Torquato
- Professor Sebastião Vasconcelos Sobrinho
- EEMTI José Maria Pontes Da Rocha
- EEEP Jose Ribeiro Damasceno
- EEM Edite Alcântara Mota
- EEM Josefa Braga Barroso
- EEMTI Prof. Maria Luiza Saboia Ribeiro
- EEEP Júlio França
- EMEIFE Celso Araújo
- EEM Maria José Magalhães
- EEM Francisco Porciano Ferreira
- EEM Luzia Araújo Barros – Extensão Carvoeiro
- EEEP Monsenhor Waldir Lopes De Castro
- EEMTI Carminha Vasconcelos
- EEEP Marta Maria Giffoni De Sousa
- EEMTI Vicente De Paulo Da Costa
- EEMTI Valdo De Vasconcelos Rios

- EEMTI Maria Alice Ramos Gomes
- EEM Geraldo Benoni Gomes Silveira
- EEM Monsenhor José Carneiro Da Cunha
- EEEP Professor Emmanuel Oliveira Arruda Coelho
- EE Monsenhor José Augusto
- EEM Jaime Laurindo
- EEM Maria Stela Rocha Aguiar
- EEMTI Deputado Murilo Aguiar
- EEEP Prof. Sebastião Vasconcelos Sobrinho
- EEMTI Delmiro Gouveia
- EEEP Governador Waldemar Alcântara
- EEEP Antônio Tarcísio Aragão
- EEM Joaquim Bastos Gonçalves
- EEM Prof^a. Rosa Martins Camelo Melo
- EEMTI Antônio Raimundo De Melo
- EEM Professor Luis Felipe
- EEEP Dom Walfrido Teixeira Vieira
- EEEP Francisca Castro De Mesquita
- EEEP Professora Lysia Pimentel Gomes Sampaio Sales
- EEM Waldir Leopércio
- EEEP Francisco Das Chagas Vasconcelos
- EEM Dona Marieta Cals
- EEEP Professora Maria De Jesus Rodrigues Alves
- EEEP Monsenhor José Aloysio Pinto
- EEMTI Diretora Maria Dilma Bastos Ferreira
- EEMTI De Irauçuba
- EEM Julia Catunda
- EEEP Francisca Maura Martins
- EEMTI Professora Carmosina Ferreira Gomes

- EEMTI Pref. José Euclides Ferreira Gomes Júnior
- EMTI José Nilton Salvino Franco
- EEP Monsenhor Luiz Ximenes
- EEEP Maria Giselda Coelhoteixeira
- EEEP Maria Môsa
- EEM Maria Amélia Perdigão Sampaio.
- EEEP José Maria Falcão
- EEM Francisca Moreira De Souza
- EEEP Osmira Eduardo De Castro
- EEEP Professor Walquer Cavalcante Maia
- EEEP Francisca Rocha Silva
- EEEP Profa. Elsa Maria Porto Costa Lima
- EEM Virgílio Correa Lima
- Liceu De Quixeramobim Alfredo Almeida Machado
- EEM Dr. Andrade Furtado Ii
- EEM Guilherme Correia Lima
- EEMTI Lions Club
- EEEP Manoel Mano
- EEMTI Professor Pedro Jaime
- EEEP Professor José Augusto Torres
- EEMTI Liceu Marcionilio Gomes De Freitas
- EEM Raimundo Adjacir Cidrão De Oliveira
- EEM Maria Das Dores Cidrão Alexandrino
- EEEP Amelia Figueiredo De Lavor
- EEM Francisco Assis Vieira
- EEM Maria Daurea Lopes
- EEMTI Filgueiras Lima
- EEEP Rita Matos Luna
- EEEP Lucas Emmanuel Lima Pinheiro

- EEMTI Liceu Dr. José Gondim
- EEMTI Pedro Jorge Mota
- EEEP Professor Gustavo Augusto Lima
- EEEP Doutor José Iran Costa
- EEEP Francisca De Albuquerque Moura
- EEMTI Alda Férrer Augusto Dutra
- EEM José Correia Lima
- EEM Celso Araújo
- EEEP Wellington Belém De Figueiredo
- EEEP Anderson Borges De Carvalho
- EEMTI Tiradentes
- EEEP Professor Moreira De Sousa
- EEEP Raimundo Saraiva Coelho
- EEEP Otilia Correia Saraiva
- EEM José Bezerra Menezes
- EEEP Doutor Napoleão Neves Da Luz
- EEMTI Tabelaio José Pinto Quezado
- EEEP Balbina Viana Arrais
- EEMTI Moisés Bento Da Silva
- EEEP Irmã Ana Zélia Da Fonseca

Obras que inspiraram os jovens

- > Fernão Capelo Gaiivota - Richard Bach
- > O Pequeno Príncipe - Antoine de Saint Exupéry
- > A comédia humana - William Saroyan
- > O chão adormecido no baú de sonhos - Eliane Fonseca
- > O Mágico de Oz - Frank Baum
- > Kafka e a boneca viajante - Jordi Sierra i Fabra
- > Kouros - Nikos Kazantzakis
- > Noites brancas - Fiódor Dostoiévski
- > Os irmãos Karamazov - Fiódor Dostoiévski
- > O conto da ilha desconhecida - José Saramago
- > O espelho - Machado de Assis
- > O beijo - Anton Chekov
- > A menina e o pássaro encantado - Rubem Alves
- > De muito procurar - Marina Colassanti
- > As tragédias de Shakespeare: Rei Lear, Hamlet e Macbeth

Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial

O **Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial**, fundado em 1987, tem como missão promover o fortalecimento das instituições e a construção de uma sociedade menos desigual no Brasil e na América Latina. Sua atuação se dá por meio de pesquisas, seminários e ações sociais. Com nosso nome, homenageamos **Fernand Braudel** (1902-1985), grande historiador francês e um dos fundadores da Universidade de São Paulo; seu trabalho celebra o poder do mercado como força no desenvolvimento humano.

Realizamos pesquisas e debates públicos sobre gestão e políticas públicas, crises financeiras, comércio, energia e instituições democráticas. Desenvolvemos ações que contribuem para o avanço da sociedade em: educação, saúde, segurança pública, na formação de consensos sobre responsabilidade fiscal e estabilidade monetária e na focalização das prioridades nos investimentos em infraestrutura.

Nossas pesquisas concentram-se na publicação do *Braudel Papers*, jornal de pesquisa e opinião editado em português, inglês e espanhol. A **Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP)** generosamente se associa à nossa missão.

Programa Círculos de Leitura

Há 23 anos, o programa **Círculos de Leitura** do **Instituto Braudel**, em parceria com as redes onde atua, promove o desenvolvimento integral dos alunos através da leitura e da escrita com jovens do Ensino Fundamental II e Médio. A discussão de grandes obras da literatura brasileira e mundial, em grupo e em voz alta, estimula o desenvolvimento de diversas competências gerais da *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*, como empatia, cooperação, argumentação, comunicação e autoconhecimento, ampliando o repertório cultural dos jovens.

O Programa incentiva o protagonismo juvenil, pois são os jovens multiplicadores formados na metodologia dos **Círculos de Leitura** que conduzem os grupos em suas escolas. Estes alunos formam novos multiplicadores entre seus pares, assegurando a continuidade do programa nas escolas.

A leitura e a reflexão em grupo oferecem um espaço para que os jovens compartilhem experiências e ampliem seu universo de conhecimento. Os livros são lidos em voz alta, assim integramos as duas fontes: a tradição oral dos contadores de história e a literatura escrita, recuperando a memória coletiva e nos conectando com o “Grande Tempo”.

Créditos

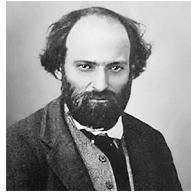


Imagem da capa. «*A curva da estrada*», de Paul Cézanne, é uma pintura a óleo sobre tela criada entre 1900 e 1906. A obra de arte, localizada na National Gallery of Art em Washington, D.C., retrata um caminho na floresta visto de cima.

Cézanne capturou a beleza da natureza criando pinceladas que criam um senso de poesia visual e aprimoram a experiência do espectador.

O estilo de Cézanne se desenvolveu de forma independente à arte tradicional da sua época. Sua paixão por retratar paisagens naturais está claramente refletida em suas pinturas.

Ele é considerado um dos artistas mais notáveis da mudança do século XIX para o século XX, um precursor do Movimento Moderno.

Em «*A curva da estrada*», ele usa pinceladas para criar profundidade e dimensão em um meio bidimensional. Com essa técnica, ele ignorou as técnicas tradicionais para mostrar seu estilo único.

Cézanne acreditava que o desenho e a cor não eram entidades separadas; ao contrário, dependem um do outro para uma representação precisa.

Na cidade de São Paulo, a obra do Cézanne pode ser apreciada no MASP. Em especial, a obra «*O grande pinheiro*», produzida entre 1890 e 1896, exposta no salão principal do museu, permite aos visitantes apreciar a paleta cromática do artista e sua técnica de pinceladas, em um estilo semelhante a «*A curva da estrada*».

<https://www.artchive.com/artwork/bend-in-road-paul-cezanne-1900-1906/>

Imagem da capa: Cortesia da National Gallery of Art, Washington, EUA

Imagens das epígrafes: rawpixel.com no Freepik

Coordenadora editorial Catalina Pagés
Assistente editorial Débora Nascimento
Revisão Danilo Gonçalves
Revisão de projeto Maria Eduarda Gomes

Planejamento visual Andrés Parallada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lembranças da leitura 2022. A conversa infinita -- São Paulo : Instituto
Braudel : Programa Círculos de Leitura, 2023.

Vários autores.

ISBN 978-85-62780-07-3

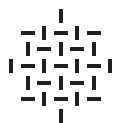
1. Literatura brasileira - Coletâneas.

23-174783

CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Antologia B869



**braudel
instituto**

Programa
Círculos
de Leitura

**Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial
Programa Círculos de Leitura**

Rua Ceará, 2, São Paulo - SP
CEP 01243-010

Tel.: 11 3824-9633

E-mail: ifbe@braudel.org.br

Instagram: [@circulosdeleitura.org.br](https://www.instagram.com/circulosdeleitura.org.br)

<https://site.braudel.org.br/>

Este livro foi composto em Ruda e Georgia
e impresso em novembro de 2023 pela Margraf,
tiragem: 14.800.

Estamos inscritos nas lembranças, na conversa
infinita, no Grande Tempo.

PATROCÍNIOS



PARCEIROS INSTITUCIONAIS



APOIO INSTITUCIONAL



IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO



Programa
Círculos
de Leitura

REALIZAÇÃO

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Há 20 anos o **Programa Círculos de Leitura** do **Instituto Braudel**, leva às *escolas públicas* obras clássicas e contemporâneas da literatura mundial. Dessa forma, promove-se o desenvolvimento integral dos alunos através da leitura e da escrita com jovens do *Ensino Fundamental II e Médio*.

Preparamos estudantes líderes, chamados **multiplicadores**, para a mediação de pequenos grupos de leitura e discussão. O **Programa** atua como um parceiro das escolas, fortalecendo o pilar de protagonismo juvenil e auxiliando no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita e das competências gerais da *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*.

Torne-se um patrocinador

Apoie o **Programa Círculos de Leitura**.
Precisamos do seu apoio para expandir o **Programa**, que já impacta a vida dos jovens em São Paulo e no Ceará.



Círculos de Leitura em números

320 escolas participantes.
2.176 alunos multiplicadores formados.
58.200 alunos participantes.

Lembranças da Leitura 2022 | A conversa infinita

Esse livro é fruto da terceira edição do Lembranças da Leitura, um concurso literário realizado pelo **Programa Círculos de Leitura**, do **Instituto Braudel**, que teve início em 2020 e que, em um momento difícil, surgiu como uma maneira de encontrar outras formas de estarmos próximos dos jovens, das escolas e de nós mesmos, o compartilhar das lembranças sobre as obras é o que nos mantém conectados. O livro reúne os melhores textos de 2022 de jovens do ensino fundamental, médio e ex-alunos que tiveram sua trajetória marcada pelo programa.

Musa

Aqui me
sentei quieta
Com as mãos sobre os joelhos
Quieta muda secreta
Passiva como os espelhos
Musa ensina-me
o canto
Imanente e latente
Eu quero ouvir devagar
O teu súbito falar
Que me foge de repente.

Sophia de Mello Breyner Andresen